ANNO XXV — N.º 23
Rio, 6 de Junho de 1931
PREÇO: 1$000

Tambem eu!

— CUIDADO! é a primeira cousa que se pede a este seu "chauffeur" e o **cuidado** é o que me dá o pão nosso de cada dia. Imaginem como não estarei acostumado a ser cuidadoso com as cousas deste mundo, sobretudo quando se trata da saude.

Por isso nem minha mulher nem minha filhinha, nem eu tãopouco, tomamos para dôres remedio algum que não seja a

CAFIASPIRINA

Só nella temos absoluta confiança e fé. Quando alguem me offerece cousa diversa, ao regeital-a, digo sempre: quando o Sr. toma um **taxi**, o que exige em primeiro logar é **segurança**. Pois assim sou eu; quando compro um remedio quero a mesma cousa. Nem o Sr. se expõe a que um "chauffeur" qualquer lhe quebre as costellas, nem eu admitto que me impinjam uma mixordia qualquer que me arruine a saude. Dê-me CAFIASPIRINA e . . . temos conversado.

Uma phrase escripta pela confiança universal.

UNICA e incomparavel para dôres de cabeça, de dentes e ouvidos; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, consequencias de excessos alcoolicos, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças e regulariza a circulação do sangue.

Exija sempre a **Cruz Bayer**

A desgraça do Juca

POR LUCIO DE SOUSA

Mudou o Juca, não fazendo assim excepção á regra de que o amor muda os homens. A questão está em saber si muda para melhor. Os pró e contra do problema são muito conhecidos. Acções desinteressadas, façanhas, heroismos, abnegações, desprendimentos, etc., etc. Todo um caminho de gloria e da immortalidade. Ou, então: degradamento, baixeza, reducção a instincto, volta a estagios primitivos, etc., etc. Toda uma estrada de penetração para a Prehistoria. Com um argumento realmente forte: a reanimação do sentimento egoista. Disfarçado sob a forma polida do "amor se prova pelos ciumes"...

O Juca não mudou para melhor. Absolutamente. A' calma que o fazia algo superior, em nossa pensão, succedeu um estado doentio de ansiedade, que o punha, pelo motivo mais futil, cheio de zanga e furor. Fez-se sombrio, calado, carrancudo. De caseiro que era, passou a sahir todas as noites. A's vezes mesmo, batia com a porta, grosseiro, impaciente, sem aguardar o jantar, que demorava mais um pouco. O peor foi se ter transmudado num homem birrento, amigo de querellas. Questionava por qualquer coisa, praguejava volta e meia, usando até improperios e desaforos. Tudo servia de campo á sua enorme sanha de censura e de rixa.

Si faltava agua, por exemplo, e elle queria banhar-se, era um Deus nos acuda. Fechava os punhos, apopletico, suarento, vermelho, e era uma saraivada de criticas á repartição das aguas — uma esplendida inutilidade! — como elle dizia. Mas não parava ahi. Achava os governos máus e traidores. Malqueria os homens publicos e os administradores. Proclamava mesmo a desorganização e a bancarrota do paiz. Uma dessas occasiões, encontrando-se com a encarregada da casa — uma hespanhola que emigrara, quando moça — bradou-lhe aos ouvidos, inflado de raiva, satisfazendo, irreflectidamente, ao amor proprio e patriotico da mulherzinha:

— Felizmente... que a senhora é da Hespanha! Isso é que é sorte! Não ter nascido neste abysmo... Não se espante! E' um abysmo!... Dê graças a Deus! Da Hespanha... que felicidade!... Dê graças a Deus, dê!

Seria mesmo o Amor que o transfigurava assim?

— Então, tu amas?

Juca Queiroz voltou-se á minha pergunta, rapido, vibrante de incontida alegria. Riu-se, num riso simples e bom. Levantou a mão, espalmou-a no ar. Deu ás pernas uma attitude erecta, marcial. E bradou, não apenas a mim, mas a todas as coisas, ao céo, á natureza inteira:

— Sim! Amo!

O peito largo distendeu-se-lhe. O verbo estourou nos meus ouvidos como uma explosão. E a unica coisa que eu soube dizer, foi esta banalidade:

— Bravos, Juca!

A evidencia era muito forte, muito viva, para que eu procurasse vocabulos. Elle amava!... Estava acabado! Que é que eu poderia tambem dizer-lhe? E' sempre difficil falar quando nos prende a inveja ou dó... Justamente, os dois unicos sentimentos que nos desperta o amor dos outros!... Depois, ainda que se possa, não se deve falar de amor, e um homem que ama pela primeira vez... Pois cadê tempo só p'ra elle falar sozinho?...

* * *

Em quasi cinco annos, foi aquella a primeira noite que meu companheiro de quarto passou acordado. A noite ia entrando dentro dos relogios e mudando a posição dos ponteiros. E o Juca, impaciente, nervoso, ora caminha em zig-zag dum para outro canto do aposento, ora abre e fecha a janella para espiar o silencio da rua. A's vezes, endoidecido, atirava-se á cama, assim estivesse cansado daquelle andar e desandar. Mas era sómente uma interrupção, curta e instantanea. Levantava-se em seguida mais impaciente, cada vez menos somno, desatinado, roendo as unhas, infallivelmente. Voltava e gesticulava, como si falasse a uma sombra que só elle via. O dia ia saindo de dentro dos relogios e vinha tingir de roseo o amanhecer. Foi quando Juca Queiroz poude dormir.

Foi no ultimo domingo. Eu já estava prompto para sahir. Elle abandonou a janella e veiu contar-me a sua historia.

— Vocês devem ter estranhado a minha conducta... Censurado muito, não é? Eu sei que mudei... Mudei... Fiz-me brigão... um brutamontes!

— Nem por isso... — arrisquei, frouxamente.

— Não negues! Ninguem sabe e sente essa verdade como eu mesmo... Fiquei insociavel...

— Exaggeras... — lancei, delicadamente.

— Não! Eu sei bem... Mas tu vaes comprehender... Vaes me desculpar... Olha, talvez que zombes quando eu disser a quem cabe a culpa de tudo isso... Talvez até penses que eu enlouqueci...

E, alteando a voz, sem o saber presa de exaltação:

— A minha lingua... a infame lingua que me coube... ella é que é a culpada!

— Ah!

Estive a ponto de rir desabaladamente. Contive-me a custo, indagando-lhe, curioso:

— A tua lingua? Coitada! Dize-me... que mal fez ella?

O Juca, ainda mais exaltado, em gestos desabridos:

— Que fez? Que fez? Anniquila-me... destroe-me a vida, porque me destroe a alegria de viver. Lembras-te de quando eu te disse que amava? Então, parecia-me que o mundo ia ser para mim um deslumbramento! Que a natureza ia ter uma perpetua primavera e tudo me invejaria... Sonhos de poeta! Eu ia conhecer a felicidade porque amava!... Ah, quanto a vida me ia ser bôa, sonora, eterna madrugada. A lingua, porém... Maldita!

A minha curiosidade ia num crescendo. E a exaltação do Juca, num crescendo maior e mais rapido, destruia a curiosidade:

— Innumeras vezes busquei falar á mulher que me apaixonara. Sentia a alma vivaz dum passaro e pensava compôr madrigaes e entoar-

A DESGRAÇA DO JUCA

(Concluido)

lhe hymnos... Deante della, porém, a lingua — a miseravel lingua que eu possúo — trahia-me. Tornava-se dura, aspera, immovel, recusando-se á realização harmoniosa da voz que lhe pedia a minha vontade. Pesava como si sobre ella se houvesse collocado uma placa de ferro. Permanecia parada como si grampos de aço a tivessem fixado junto á base da bocca. Debalde eu me esforçava por falar!... Debalde se movimentava a larynge, se levantava a epiglote, procuravam vibrar as cordas vocaes... Apenas havia um sussurro, um tartamudeio, logo abysmado em silencio. A malvada não cedia ao meu querer! Permanecia queda, recta, immovel, como si sempre fôra assim. A's vezes, num esforço titanico, conseguia que ella se contrahisse, se dynamizasse, como si tivesse fugido ao peso da placa ou houvesse afrouxado os grampos que a detinham. Então, roçava a arcada palatal, batia contra os dentes, recuava como buscando sumir-se nas fauces, avançava procurando os labios, humedecia-se na saliva... Mas era tudo num momento... E quando descerrava a bocca para falar, lá estava ella novamente endurecida e quêda, como si alguem tivesse assentado melhor a placa ou apertado os grampos mais precisamente.

Os olhos do Juca estavam pontilhados de lagrimas. A eloquencia tropeçava agora nos embargos da voz:

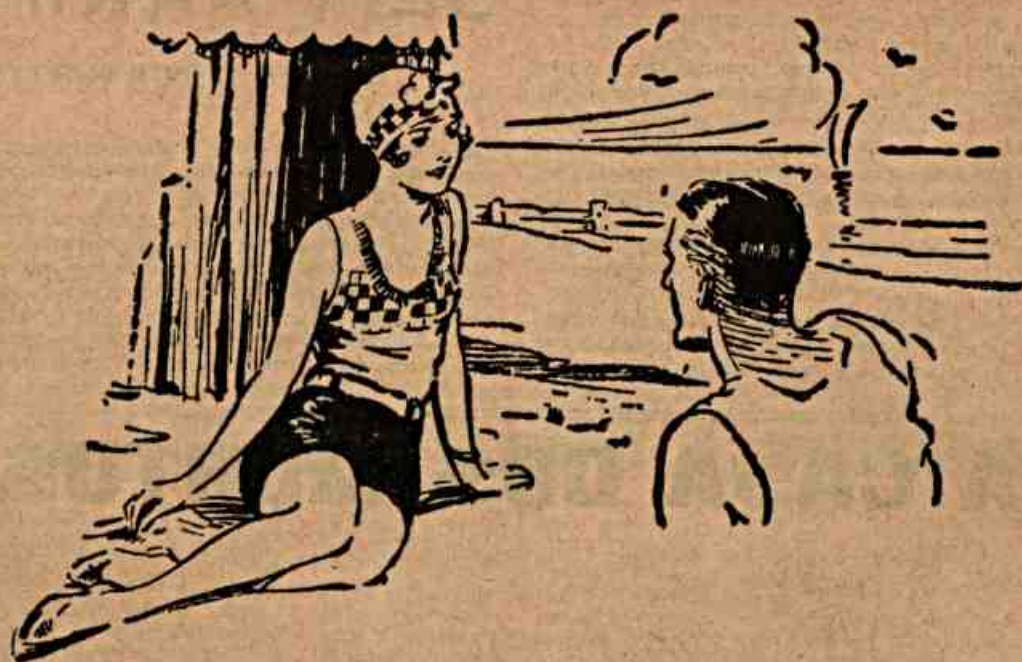
— A linguagem falada... Que vale ella, em casos assim? De que serve o dom da palavra, si elle não nos ajuda no amor? O homem é o animal que fala e que ama...

— Mas essa mulher deve ter-te comprehendido, Juca!

— Talvez... **Talvez** não... Nem eu sei... Mas que é isso, comparado ao que eu lhe devia falar?... Desde ahi é que eu comecei a mudar... Ensoismei-me e embruteci. Depois toda a natureza confessava, em sua linguagem primitiva, o amor vario e rude que a anima... Os passaros, aos pipilos... as feras, aos urros... as folhas, aos cicios... as ondas, aos beijos... Só eu não posso... Só a mim se põe uma mordaça!... Para que tanto castigo? Antes houvera emmudecido de todo. Mas eu posso contar, gritar, eu falo, eu tenho voz que clama a tudo... só não podendo nada dizer á mulher amada. Maldita lingua!

E, retorcendo as mãos, os cabellos desalinhados, cahiu sobre a cama, num pranto convulso.

* * *

Achei que se fazia necessario uma droga para o Juca. Sahi a buscal-a, não tendo sido grande a demora. Quando voltei, levava o coração alanceado. Talvez effeito da confissão!... Ao entrar no quarto, porém, recuei, aterrorizado. Cahido no chão, tinha o Juca a envolvel-o um circulo de sangue. Vivia, comtudo. Pensei, ao ver a seu lado uma faca, de lamina branca, brilhante e afiada, que tivesse atravessado o coração com ella. Vencida a primeira indecisão, corri para junto delle. Ao ver-lhe o rosto, parei estarrecido. A bocca era uma enorme posta de sangue. Só então reparei que elle movia muito o braço esquerdo. Attentei. Na mão, entre dois dedos, em vingança de doido, agitava a lingua.

O Sol e o Mar me fazem bem

A agua do mar e o sol, quando offendem a sua cutis, amarguram-lhe as ferias? Pense que poderá passar todo o dia, alternando entre o banho de mar e o do sol, extendida na areia sempre que tome a precaução de usar todas as noites antes de deitar-se cêra pura mercolized, a qual deve ser applicada á cutis por meio de uma ligeira massagem. Procedendo desta maneira, a pelle do rosto, do collo e dos braços se manterá sã e limpida e sem nenhum dos defeitos originados pelas queimaduras de sol e agua salgada.

E o segredo desta maravilhosa acção da cêra pura mercolized, está em que ella ajuda a Natureza na tarefa diaria de renovação da tez.

A cêra pura mercolized actua imperceptivelmente dissolvendo e eliminando as particulas velhas e resecadas da cutis gasta exterior, particulas que por não serem eliminadas impedem a apparição da nova, formosa e perfeita cutis que se acha encoberta pela cutis velha e exterior. Procure hoje mesmo cêra pura mercolized e goze as suas ferias sem nenhum perigo, temor ou restricção.

Sendo, desde algum tempo, a cêra "mercolized" objecto de uma procura muito maior, levou aos pharmaceuticos e droguistas á obrigação de distribuil-a em caixinhas de tamanho menor, as quaes se póde obter por sete mil reis mais ou menos.

Com o fim de eliminar o pello superfluo é preciso fazer uso do porlac puro pulverizado.

CÊRA PURA MERCOLIZED

(em inglez "Pure Mercolized Wax")

Em todas as pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toilette em todo o Mundo.

A legitima "Cêra pura mercolized" é vendida somente em latas douradas de dois tamanhos.

PREÇOS DE VENDA NO BRASIL, RS. 12$000 E 7$000.

SEM ARRIMO

DE A. MARROCOS

A' margem da larga estrada, que rasga o seio da matta, entre Campo Maior e Peripery, sob a copa farfalhante de uma grande arvore, ergue-se uma choupana humilde.

A' porta do pobre tugurio, sentada num tosco banco de madeira, uma velhinha passa todas as horas do dia.

E os viajantes e comboeiros, que por alli transitam, costumam sempre depositar uma esmola naquella tremula e engelhada mão. Da caridade dos transeuntes vive ella...

Quando, certa vez, percorria aquellas regiões, sob uma soalheira escaldante, ao passar por aquelle espectro, tive curiosidade de apreciál-o de perto.

Fui acolhido do melhor modo possivel. Narrou-me todos os transes da sua vida. Ao lado das horas felizes, dos momentos ditosos, havia chagas, que ainda sangravam, feridas ainda não cicatrizadas. E com duas lagrimas nos olhos baços, sem brilho, contou-me a sua historia.

Em primeiro lugar, veiu a phase alegre da mocidade: as novenas nas capellas proximas, as festas ao som das violas gementes, sob os luares claros, as noites animadas das fogueiras, que ardiam até alta madrugada, e toda uma série de divertimentos, cuja saudosa lembrança levaria para o tumulo. Depois, vieram os acontecimentos tristes, que lhe em-

A CASA DOS MORTOS

— Olá!... Olá!... — gritou, do portão, Diogo, que, como sempre, chegava á sua casa alegre e rumoroso. — Onde está essa patrôa? Vamos ver, mamãe!... Olá!... Será que não ha ninguem nesta casa? Ave Maria!... Ave Maria!...

— Aqui estou, meu filho, aqui estou!... — respondeu uma voz.

E, pouco a pouco, appareceu a senhora, a cujo pescoço se pendurou Diogo, em um estreito abraço, e beijando-a repetidamente.

— Até que emfim! Julguei que não havia ninguem aqui!

— Mas, filho... Jesus! Deixa-me... Fazes-me cocegas!...

Diogo beijou-a mais, e, em seguida, a fez sentar-se no sofá do *hall*, e sentou-se a seu lado, perguntando-lhe, com essa inquietação que sabia era agradavel á mãe:

— Que tal? Que tal? Que achas a nova casa?

— Bôa, filhinho, bôa. E' commoda, tem ar e muita luz... E' uma casa alegre, embora a vizinhança não o seja...

— Como é isso? Temos alguma vizinha que estuda o piano? Si é isso, nos mudaremos immediatamente!... Eu creio que não ha nada peor que uma estudante de piano. Não é, mamãe?

— Não, filhinho, não! — disse a senhora, sorrindo deante da vehemencia de seu filho. A vizinhança não é alegre, porque esta manhã tivemos um enterro em frente... Começámos mal no bairro...

— Não sejas supersticiosa, mamãe! Parece mentira que uma mulher educada tenha essas superstições... E si fosse um casamento?...

— Tambem casamento não traz bôa sorte — respondeu a senhora, calmamente. — O enterro foi naquelle palacete defronte, e quasi não havia acompanhamento: uma ou outra pessôa... Não sabes quem mora alli?

— Não, mamãe; ha tres dias que estamos nesta casa, e não tive tempo de conhecer nem o guarda da esquina.

— Jesus! Diogo! Para que queres conhecêl-o?... Esse enterro deixou-me impressionada..., mas a casa é admiravel.

Nisso, chegaram da rua tres irmãos de Diogo, e, como já estava na hora de jantar, passaram á sala de refeições. A conversa recahiu sobre o famoso enterro, mas Diogo, que sabia o quanto sua mãe era impressionavel, levou aquillo na troça e desviou o assumpto.

A nova casa lhes foi parecendo cada vez melhor, que se dá com as casas o mesmo que occorre com os calçados, que só depois de alguns dias ficam commodos em nossos pés. Mas...

— Já te disse, Diogo, que não começámos bem — declarou, preoccupada, a senhora a seu filho. — Outro enterro... na mesma casa... Emquanto não fôr aqui... Que morra todo o bairro!

— Não digas isso, meu filho. Pobre gente! — suspirou a senhora.

— Pobre?... Pobre de meu amigo Ildefonso, que ficou noivo da filha de Annibal Pimenta... Imagina, mamãe, com a filha de Annibal Pimenta!

— Isso não quer dizer nada. A's vezes, a filha de um degenerado é uma santa.

— Como póde ser santa a filha de um individuo como aquelle? Eu fiquei doente com a noticia. Mas, é inutil — os homens são uns idiotas, apaixonam-se e... adeus!, não vêem mais nada!

— Tambem, a menina vale a pena — adeantou João, um dos irmãos que chegava da rua. — Por uma cara linda assim, eu enfrentava tudo.

— Mas os desgostos vêm depois — sentenciou Diogo. — Si os homens pensassem um pouco mais...

— Acontecia o que te aconteceu: não se casariam. Nesse assumpto, o melhor que se faz é não se pensar.

— Que atrocidade, Joãosinho! — protestou a senhora. — Como podes falar assim na minha presença?!

— Ora, mamãe! Em tua época, as mulheres eram outra coisa. Muito sérias, muito de casa, desejavam a felicidade do marido acima de tudo...

— Não fales assim, meu filho!

E a bôa senhora ensaiava sua tantas vezes fracassada conferencia sobre a bondade das mulheres, razões que conseguiam convencer seus filhos, empedernidos solteirões.

Quatro dias depois dessa scena, foi ao sahir Diogo para o trabalho beijar a mãe.

— Que tens, mãe? — perguntou-lhe, afflicto.

E SEM PÃO...

DE ARAÚJO

branquearam os cabellos: a perda do marido, desapparecido mysteriosamente num boqueirão sombrio, onde costumava pescar, a morte da filhinha de cinco annos e, finalmente, o abandono completo, em que jazia, vivendo das esmolas que lhe traziam as almas caridosas. A emoção que senti quasi me arrancou lagrimas.

Fiquei a meditar, durante os minutos que silenciámos, nas longas horas de tédio, nos dias tristes e nevoentos de invernia impertinente, que curtia aquella misera velhinha, perdida no meio das mattas...

E quantos não passavam na estrada sem que os commovesse o seu estado de penuria?! Quantas noites não abrira ella a porta ao ouvir, da sua rêde, o toque das campainhas dos animaes cargueiros?!

E não poucas vezes, disse-me, voltára desilludida e a morrer de fome, ficando a esperar que outra tropa passasse...

E as longas noites de frio, e as tempestades furiosas, e os ventos sibilantes que, por pouco, não lhe levavam o tecto da choupana?...

Pobre velhinha! Muitas vezes me fico, absorto, a pensar si ainda vives na tua cazinha, soffrendo, mendigando... Mas talvez a terra, a bôa mãe, já tenha aberto o seu seio acolhedor para receber o teu corpo alquebrado e tremulo...

De E. Richard Lavalle

— Ah, Diogo... isto é um horror!... Vou á varanda... e outro enterro na casa defronte. Coitados! Em sete dias, tres pessoas da familia... Possivelmente, os paes e algum filho. Que horror! Pobre gente. Eu já pensei em mandar os nossos pesames, pois embora sejamos novos, na rua, o facto não nos deixa de causar dó.

Diogo ficou perplexo, não soube o que responder, e, ao partir, disse á mãe:

— Afinal... que vamos fazer?... Paciencia. Quanto a mandar pesames, não acho conveniente... Quem sabe si não é alguma peste?

— Que horror! Peste?

— Sim, mamãe. Si morreram tres em tão poucos dias, só póde ser alguma doença contagiosa.

— Sim... tens razão. Eu dizia mandar pesames por um dever de humanidade.

— Não, mamãe. E' melhor que esperemos passar alguns dias.

E, beijando-a, Diogo sahiu para o trabalho.

Diogo, sentimental e bondoso, recordou varias vezes durante a manhã aquelles enterros da vizinhança, e ficou penalizado. Ao regressar á hora do almoço, ao dar volta á esquina, ficou como que petrificado. Mas, era verdade o que viam seus olhos? Passou a mão pela fronte, como para afastar um pesadelo, e, ao olhar de novo, teve que se convencer.

— Outro enterro!... — murmurou, aterrado. — Mais outro enterro!...

E, agitado e nervoso, apressou o passo e entrou em sua casa.

— Que tens, Diogo? — perguntou-lhe, alarmada, a senhora, notando-o pallido e preoccupado.

— Ah, mamãe!... Isto é um pesadelo... — respondeu Diogo, completamente abatido. — Outro enterro na frente!

A senhora foi até a sala de visitas, chegou á varanda e divisou o carro funebre... Voltou á sala de jantar, e, sentando-se na mesa, não disse uma palavra. O almoço transcorreu em meio de uma pesada tristeza. De quando em quando, a senhora lançava um suspiro, e Diogo, pensativo, deixava de comer.

O ambiente era inquietante.

— Quatro mortes, meu filho! Pobre gente!

— Sim, mamãe... Realmente... é horrivel! — suspirou Diogo, sem coragem. — Afinal, que vamos fazer?...

Terminado o almoço, Diogo sahiu para o trabalho e, ao passar deante da casa funebre, fechou os olhos, e depois voltou o rosto em sentido opposto, para não ver outro enterro.

A' tarde, á hora do chá, annunciaram á senhora a visita de duas sobrinhas.

— Vão perdoar-me o recebêl-as assim, mas estou tão desanimada...

— A senhora sempre está bem, tia! — disse a mais velha das sobrinhas, que gostava muito de conversar. — E' natural que esteja cansada pela mudança e á arrumação da casa... Como é bonita e alegre a casa! Vê-se que tem muita luz...

— Sim, filhas — affirmou a senhora. — A casinha é um encanto. Tem muita luz... E' bem dividida... Mas que vizinhança, minhas filhas! Imaginem que nestes poucos dias, depois que para aqui nos mudámos, já tivemos quatro enterros neste quarteirão...

— Que horror! — exclamou uma.

— Que barbaridade! — disse a outra.

— Estou consternada!... Pobre gente!... Quatro enterros em uma casa...

— Ah... tia!... Mas... espere! Onde? Defronte? Que numero é aqui? 1221? E aquella casa não é 1224?... — exclamou a joven, triumphante. — Ora, é "A casa dos mortos".

— Que estás dizendo, filha?

— Mas, tia, é uma coisa muito sabida... Uma empresa funeraria aluga essa casa ás pessôas que não têm onde velar seus defuntos.

— Mas, tens certeza?

— Sim, tia. E' uma coisa que se annuncia em todos os jornaes...

A senhora pediu um jornal, e, quando leu o annuncio, em voz alta, teve um gesto de indignação.

— Canalhas!... — disse, olhando para a casa. — E pensar que tanto me affligiram!...

— Até a mim! — exclamou Diogo, que ouvira toda a conversa. — Até a mim! Mas...

— Sim, filhos. Agora, antes de derramar uma lagrima, hei de certificar-me bem de quem seja o morto...

E a senhora suffocou, tristemente, um suspiro.

MARIA

Por DILKE DE BARB

BRILHANTE golpe de espirito prostrára para sempre, aos pés de Maria Clara Cintra, o intransigente Victor Rabello.

A frequencia com que o encontrára em recepções e festas de que participava acabára por fazêl-o distincto dentre os mais, o eleito de seu coração! Todavia, Victor tratava-a com a mais glacial indifferença, motivando por isso que ella tomasse uma attitude forçada, occultando ávaramente aquelle amôr! Victor, rapaz moderno, americanizado, achava-a por demais romantica, quasi ridicula, no seu modo de ver. Evitavam-se, ella por amál-o muito, elle por detestál-a, emfim...

Desconheciam-se, portanto.

Apesar de tudo, Maria Clara, com sua perspicacia feminina, julgava-o no fundo cavalheiro e bom, sob o exterior orgulhoso e frivolo de homem de sociedade.

Elle, vendo-a com as tranças ornamentando-lhe a cabeça clara, muito branca, alta, esguia, attitudes serenas, comparando-a ás outras jovens, expansivas, alegres, devotava-lhe a mais solenne antipathia, e dizia mesmo que não sabia como aquellas covinhas lindas, aquelle rosto oval finissimo podiam pertencer a uma "creatura tão sem graça"!... Meditava assim comsigo mesmo e sorria distrahido para as covinhas do seu encanto, quando Maria Clara, notando a sua "preciosa" attenção voltada para ella, sorriu tão feliz, ainda que seus olhos meigos se occultassem sob as palpebras!

Victor sentiu, então, uma emoção extraordinaria e, chegando-se a Maria Clara, pediu-lhe uma contradança... Aquella menina, de certo, o intrigava... tantos acasos o aproximavam della...

Depois as suas maneiras, o seu physico esquisito... Como seria o seu espirito? Seria culta, vulgar? Jurou que daquelle momento havia de sabêl-o! Amal-a-ia ou detestal-a-ia para sempre!...

*

Naturalmente ella o encantava! Era fina e culta, e sua surpresa era tal, que o transformava! Como era intelligente a "romantica", a "criatura sem graça"...

Maria Clara perturbava-o... Ora, ainda bem que o argumento insolito ia pôl-a "bouleversée".

— Vejamos, "princeza" si você não fosse mulher, isto é, si lhe fosse permittido discutir politica, teimaria que a politica ideal é a ingleza, o regimen hypocrita, intolerante! Que erro, Maria Clara! Isso é anticivilizado! A fórma de governo ideal é o da Russia actual, o Communismo, que é a salvação do mundo, o ideal christão da igualdade nas acções, a liberdade no amor, a paz, emfim!

Maria Clara estava perplexa, livida, indignada!... Que surpresa!

Aquelle a quem tanto amava, a quem julgára digno, arrebatador, sublime, não passava de um materialista, de um egoista, um homem vulgarissimo!

Mas tinha-lhe tanto amôr, tanta confiança!

Intelligente como era, resolveu empenhar-se com ardor naquella luta; talvez penetrasse melhor o intimo de Victor, que, ás vezes, em uma palavra, nos sahe a alma pela bocca.

— Mas, Victor, objectou Maria Clara, a igualdade é o ideal christão!

— Mas a liberdade?... Sim, a liberdade, a tolerancia completa do mal é o verdadeiro dilemma communista! *Anti-civilizado* regimen é o do passado bom, porque a época é da frivolidade; têm a palavra os "snobs". O ideal de igualdade que o communismo encerra está muito áquem da mentalidade de hoje... Liberdade!... Ora, Victor, quer saber qual a maior prisão? Nada mais que a propria liberdade! Quer ver? Essa inutilidade, essa hypocrisia a que chama o preconceito, que não tolera a liberdade de acções, é ainda o que ha de melhor entre os humanos! E' o que salva muita gente! não fôra o receio de commentarem severamente os nossos actos, e talvez que a sociedade não tivesse mais razão de ser... Quantos lares desmembrados, quantos erros!... E a familia, uma utopia!...

— Mas em face do mundo? A patria em primeiro logar; e a patria estando salva... o resto é romantismo, Maria Clara!

Excellente, Maria Clara tinha chegado ao ápice da victoria; excellente o seu modo de pensar!

..."a patria estando salva, que importa a familia?..." —

Sorrindo, com o punhal de oiro da ironia, cravou no coração de Victor estas palavras:

— O senhor está em controversia comsigo mesmo! Cuidado, "bom" patriota!... Recorde-se que a familia é a patria em ponto pequeno... Quem não rége a patria em miniatura, não dirigirá nunca o estado maior... que não ha construcção sem planta, nem estatua sem "maquette"...

Quando a romantica Maria Clara, sem conhecer, ainda, o effeito de sua phrase, contemplou timidamente Victor, teve orgulho de viver, me-

NEBLINA DES

Faz frio... E a chuva bate na vidraça
pausadamente, dolorosamente...
E, aqui dentro, esta bruma, esta fumaça,
e esta amargura que minh'alma sente...

Amargura talvez da tua ausência
(Si estivesses aqui nesta tarde de frio!...)
Tenho os lábios gelados... Falta a ardencia
do teu beijo, que ainda acaricio...

Faltam-me as tuas mãos — caricia de velludo —
onde pousava, lyrico o meu beijo,
e sob o qual floriste (eu não me illudo...)
— rosa de Saadi do meu Desejo...

Falta-me a luz do teu olhar vibrante,
o aroma capitoso do teu corpo,
— que a distancia, hoje, tenta apagál-o, num sopro,
mas revive-o a saudade a cada instante...

CLARA

ROSA RODRIGUES

dindo o sentimento de respeito com que Victor Rabello, tomando-lhe as mãos, a contemplou nos olhos!

Nesse instante, as estrellas tremeram de emoção! Maria Clara e Victor noivavam!...

Comtudo, para comprovar a sentença "a felicidade precisa ser interrompida para ser apreciada", as nuvens diaphanas daquelle céo de amôr tornaram-se plumbeas por entre o desafinar de uma intriga!

E as cadeias brancas do noivado se desnastraram...

Passaram-se dois annos.

Maria Clara abandonou por completo a sociedade. Mesmo assim, no retiro adoravel de seu lar, oppôz-se a dois casamentos, porque a imagem de Victor em sua alma estava intacta, si bem que no orgulho estremecida!

Victor, ao contrario, atirou-se á vida social com devoção.

Fosse por que fosse, cansou... O verdadeiro instincto, a nobreza dalma que Maria Clara lhe descobrira, retornava-lhe, gloriosa!

Sonhava com o lar! Uma esposa fiel e amante... um pequenino ou dois... e o "abat-jour", illuminando as vigilias tranquillas!

Victor passou na mente em revista as candidatas a seu nome!

Sonia, Elza, Beatriz, Luiza... Bôas meninas, no emtanto...

A esse tempo, Maria Clara, espirito forte, pretendendo enfrentar Victor ou esquecer o seu amor, voltou á sociedade.

O "jazz", creava uma harmonia deliciosa nos sons de uma valsa!

De quando em vez, nos volteios da dança, branca e aristocratica, envolto o corpo esbelto em "mousseline" clara, transformada em sombra, angelitude, mysticismo e alma, Maria Clara olhava-o disfarçadamente...

Maria Clara! A esposa-ideal! Sim, ella! Por que outra desconhecida ou convencional. Havia de ser aquella que o amava tanto apesar do indifferentismo apparente! Procurou da melhor maneira approximar-se della.

A formosa romantica fugia-lhe, embora as forças quasi lhe faltassem para a luta!

Uma manhã, porém, um accidente proporcionou-lhe o ambicionado!

Maria Clara sahia da igreja e, distrahida, atravessava a rua, quando um automovel a atirou á outra banda da calçada... O mesmo carro levou-a á casa de saude.

Um ferimento um tanta grave na victima quasi fez enlouquecer o pseudo-criminoso...

Mas Deus velava-lhes o destino e assim, mezes após, numa manhã de maio, loira e florida, um cortejo branco deixava a igreja ao compasso da "Marcha Nupcial"...

Começou para elles, então, uma existencia de romance! Não havia, tres annos após, casal mais feliz na terra que Maria Clara e Victor, com o seu pequenino Jacques.

Um dia, porém, Victor teve saudade do antigo meio e voltou á sociedade.

Maria Clara, toda presa na attenção do filho, nunca o acompanhava.

Cheia de amôr pelo marido, em noites de interminas vigilias, soluçando, acalentando seu Jacques, não formulava jamais uma queixa, uma palavra, nem a elle por sua educação que não admittia o jogo inutil das palavras, nem aos parentes por seu orgulho, por seu amôr, quando elle voltava dos "clubs" ao ralar do dia.

Soffria em silencio o abandono e definhava com altivez e dignidade.

A sociedade roubava-lhe o seu amôr!

Uma noite, quando a madrugada soluçava com ella em gottas mofinas de um ardente verão, Victor penetrou em seu dormitorio e, em vez de beijál-a, emquanto, como sempre, fingia dormir, e ao pequenito, sentindo o ambiente suffocante, abriu de par em par as vidraças...

Uma rajada estranha espalhou-se no ambiente.

Maria Clara puxou as cobertas, num arrepio de frio. Um momento mais e uma tossezinha secca ecôou no quarto! A esposa de Victor ergueu-se do leito, preoccupada. Chegou-se ao berço. Jacques tinha o somno agitado. Lembrou-se da janella e foi fechál-a. O pequenino tossia, tossia... Apprehensiva, chamou o marido. Victor, homem, disse apenas:

— Não é nada; dorme...

O dia amanheceu, emfim. A tosse augmentára e as faces de Jacques escaldavam.

Veiu o medico. A vida da criança perigava! A pneumonia declarára-se. Um horror! Maria Clara parecia louca. Victor, presentindo o seu crime involuntario, estava acabrunhado de dôr!

A sciencia, declarou o clinico tres dias após, periclitava! Felizmente, o petiz era forte. E quando a sciencia faltasse, ainda havia Deus!

Sim, Deus! Vinte dias mais, Jacques entrava em convalescença, após tanto esforço, tanta luta, e desespero.

(*Cont. na pag. seguinte*)

SAUDADE

Revive... Si sentisses, á distancia,
Que a chuva, meu amor, é uma mortalha de ansia!...

Si estivesses aqui nesta tarde tão fria,
Que coisas lindas eu te não diria!...

Minh'alma está tão fria!... Tenho medo
De, num dia assim frio, eu te esquecer...
Por isso, eu vou dizendo o teu nome, em segredo,
E começo a soffrer...

E a chuva, num soluço, continua
Fria, para augmentar minha ansiedade...
E, emquanto deita lagrimas na rua,
Chora dentro de mim tua saudade...

(Do «Jardim de Cariclas»).

STENIO DE SÁ

DESTINO

DE ZELIA MOREIRA

NÃO me culpe, por Deus!

Na vida tudo é assim... infinitamente doloroso...

Si ella nunca sorriu perennemente para ninguem, como havia de tornar-se risonha para nós?

Tinha de ser assim!

Pérfida, magica e enganadora, a Vida nunca poderia tornar-se seductora para nós.

Não me culpe!

Foi o Destino, aquelle mesmo que nos approximou numa noite fria de luar, que veiu, agora, nos separar com a sua mão indifferente...

A felicidade seria *grande demais* si viesse á realidade o nosso doce sonho.

A vida nos seria um perpetuo descortinar de risos e flores, cheia de gloria e belleza, si não despertassemos para a realidade das coisas...

Um sonho, quando muito lindo, nunca poderá "viver" depois que despertamos.

Todo elle tem fim...

Tudo passa na vida...

Todo o romance tem o seu epilogo.

Tambem o nosso não podia deixar de tel-o, sendo, como era, tão encantadoramente terno!

Que haviamos de fazer?

Ninguem póde violar as leis do Destino...

E' melhor esquecer, e sorrir para a vida, afim de que ella se torne, para nós, menos feia e amargurada.

Vamos sorrir, meu amigo, para esta deliciosa inimiga, embora seja, ella, desencantada e mentirosa!

Sorrir para o novo ideal que ella nos trouxer...

Emquanto isto, você não deixará de occupar o meu pensamento, e, na minha Saudade, ficará sempre... eternamente sorrindo, com esse sorriso caricia que me fazia tanto bem...

Como a sombra que projecta meu corpo esguio e muito branco, você ha de me seguir os passos, um a um...

Viverá em mim, tal como quando nos amavamos, como si fosse ainda, a minha bocca, a taça divinal que guardava os seus beijos embriagadores, quentes como o sol dos Tropicos...

E, quando um outro homem acariciar, de leve, os meus cabellos castanhos, hei de ter a impressão de que são seus dedos morenos que se enrolam em anneis nos meus cabellos macios...

No castanho-verde de meus olhos, a sua imagem ha de sempre viver amarrada, e, em meus labios vermelhos e carnudos, ha de existir, eternamente, a dormencia esquisita que o veneno do seu beijo deixou...

Você ha de viver em mim, porque você foi o meu primeiro e grande amor... porque o Destino diz que tem de ser assim...

MARIA CLARA

(*Conclusão*)

Uma mudança de ares foi aconselhada; subiram para a fazenda, em Theresopolis. Lá a saúde de Jacques prosperou. Estava novamente rosado e encantador.

Mas o coração de Maria Clara não estava tranquillo, ainda! Amanhã desceriam para o Rio, onde iriam commemorar na semana proxima o quinto anniversario de seu casamento entre amigos, entre festas! Maria Clara, fechando a mala das roupinhas de Jacques, sentia trancar alli a recordação feliz dos quatro mezes passados na serra! Uma lagrima sincera e pura desceu-lhe pela face triste! A igrejinha proxima badalava a Ave-Maria! Era o mez de Maio! As gardenias enchiam de sonho o pôr do sol das serras! As cigarras quebravam, num cicio brando, o silencio doce!... Maria Clara ia deixar aquella vida calma e feliz pela da cidade, turbulenta e cheia de apprehensões! Maria Clara fazia as suas preces aos pés de Maria com os olhos molhados e o coração pulsando forte! Ia deixar a fazenda, os dias cheios de Luz, radiosos de felicidade! Chorava!

— Como conheces tu a edade das aves?
— Pelos dentes.
— Mas, si as aves não têm dentes!
— Não, mas quem os tem sou eu.

A prece vinha-lhe, angustiosa, aos labios tremulos! A Virgem sorria-lhe num sorriso dulcissimo!

— M a m a n ! maman! olha o meu "cavallinho"!

Ao ouvir aquella voz querida, voltou o rosto para a porta. Victor, corado, alegre, fazia de montaria de Jacques... Mil pensamentos baralhavam-lhe no cerebro!... Seria venturosa? Seria infeliz? — Quiz amparar-se á parede... Sentiu uma nuvem nos olhos!... uma tonteira e depois...

Quando voltou a si, nos braços de Victor, carinhoso, aos beijos de Jacques, comprehendeu que agora, emfim, ia ser feliz! A licção, a enfermidade de Jacques aproveitára a Victor. Elle dizia-lhe, afagando-lhes os cabellos castanhos:

— Ficaremos, meu amor, para s e m p r e aqui... Só irei á cidade a negocios... Aqui estaremos mais perto do céo e de nós mesmos...

"O CAFE' DO FELISBERTO"

BEM diziamos nós, na semana passada, que as musicas dos films se tinham começado a rehabilitar, invadindo novamente os ouvidos nacionaes.

Agora, temos no cartaz um numero estupendo: a canção "Mon idéal", que Maurice Chevalier canta no "talkie" em transito pelas telas cariocas, "O Café do Felisberto" (*Le petit café*).

E' uma peça romantica de rythmo moderno, melodia encantadora, prestando-se admiravelmente para a voz e para a maneira caracteristica das creações do heroe de "My love parade".

"Mon idéal" está gravada em francez no disco "Victor" n. 22.549, pelo proprio Chevalier.

No verso da chapa, Maurice canta, tambem em francez, o "fox-chansonette" intitulado "It's a great life" (*isto é uma grande vida*).

Esses dois numeros estão, igualmente, cantados em inglez, noutra chapa "Victor", pelo mesmo interprete.

LAMARTINE BABO

Compositor e escriptor de letras para musica, eis como Lamartine Babo póde ser apresentado, artisticamente.

A principio, appareceu subscrevendo letras somente; mas depois ampliou o seu raio de acção, vindo fazer concorrencia com os sambistas mais populares.

Como versejador, Lamartine tem coisas apreciaveis, principalmente no sentido humoristico, tendo até a publicar um livro de sonetos pilhericos, alguns com graça a valer.

Actualmente, porém, a sua personalidade se impõe, de facto, é como compositor.

Entretanto, como a maior parte dos autores de musica que se movimentam no nosso scenario, não sabe em que linha da pauta se escreve um "dó" ou um "fá", e tem uma raiva tremenda de quem sabe...

Aliás, no seu estupendo samba "Minha cabrocha", já elle dizia:

Para fazer meu samba
não tirei diploma!

e provou, com essa mesma peça, que a inspiração não precisa das muletas da technica para caminhar

através do successo e da consagração.

Quem tem facilidade de "melodizar", de realizar uma busca bem succedida no dominio dos imponderaveis musicaes, póde, sem duvida, offerecer luta aos mais habeis malabaristas da harmonização e da orchestração.

E a prova, melhor ainda do que as palavras, é que, como já dissemos, a maior parte dos nossos autores musicaes enxergam tanto numa partitura de piano como o redactor destas linhas enxergaria num jornal chinez, todo cheio de riscos, que lhe dessem para ler.

Ahi estão Joubert de Carvalho, Gastão Lamounier, Luperce Miranda, Freire Junior, e uma infinidade de outros, todos nessas condições.

Lamartine Babo é, pois, mais um dessa turma victoriosa de "orelhudos", ou "compositores de assobio", como os maestros despeitados costumam appellidál-os.

A sua particularidade, porém, é que, emquanto os demais tocam piano, flauta, violão ou qualquer outro instrumento, elle toca... chapéo!

Isto dito assim torna-se incomprehensivel.

Mas é a verdade.

O instrumento de Lamartine é o seu "Palhinha", no qual elle tamborila com os dedos, emquanto assobia ou cantarola as suas producções.

Foi com o auxilio do chapéo que elle compoz "Minha cabrocha", "O Barbado foi-se...", "A lua vem surgindo côr de prata" e tudo o mais que o povo vem cantando e repetindo com tanto agrado.

Agora, porém, Lamartine Babo vae gravar discos humoristicos, tambem, devendo o primeiro apparecer dentro em breve no catalogo "Odeon".

Constará das seguintes peças: — "Rhapsodia em Rêos Maiores" e "Canção para inglez ouvir", ambas de sua autoria.

"ALMAS GEMEAS"

E' o titulo de uma valsa-canção que vae apparecer brevemente.

Seus autores são: — o dr. Domingos Barbosa, ex-deputado maranhense por alguns annos e poeta pela vida inteira, e o festejado musicista Gastão Lamounier.

Abaixo publicamos, em primeira mão, as lindas palavras de Domingos Barbosa:

"Quando a Eterna Omnipotencia
quiz de vida a terra encher,
em duas, uma existencia
partiu, creando a mulher.
Do mesmo sopro nascidos
para o prazer, para a dôr,
ella e o homem, sempre unidos,
têm que viver para o Amor!

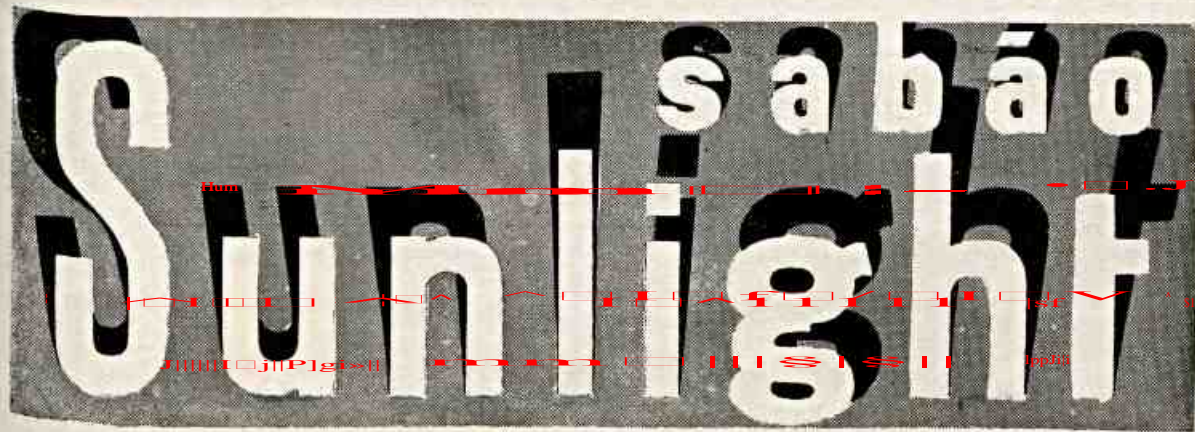
Refrain:

A viver de almas unidas
cantando a mesma canção
numa vida, duas vidas,
dois peitos e um coração!"

NOVIDADES

A composição dedicada á "Santa de Coqueiros" — Manoelina — a que fizemos referencia na ultima chronica, é de autoria de André Filho e é uma valsa interessante e popular.

— No film "Monte Carlo", a ser exhibido brevemente nos nossos cinemas, ha um fox-canção — "Always in all ways" (*Sempre, em toda parte*), que já está sendo bastante procurado entre nós.

— "Scena carioca", um arranjo de João de Barro recentemente surgido em discos "Odeon", traz uma serie de pregões dos vendedores do Rio. E' pena que Alvaro Moreyra tivesse escripto, antes, os "Pregões do Rio", que Berta Singermann gravou, em Buenos Aires...

HABITO... — O ex-millionario, no carcere. — Garçon!...

JOSE' DAMAECK (Capital) — Dos seus sonetos só pude aproveitar o I, subordinado ao titulo *Estados de Alma.*

Guanabara é horrivel. Para excluir delle as formas verbaes, o sr. amontoou uma série de logares communs, entre os quaes certos vocabulos arrevezados, como *subliminal*, *resplendencia*, etc.

No emtanto, o sr. sabe fazer versos e, certamente, os faria muito bem, si o quizesse.

No soneto II, do *Estados de Alma*, o sr. emprega a forma imperativa do verbo *e x t a s i a r*, com pronome proclitico: "te extasia".

Ora, isso é portuguez -cassange. E um poeta deve escrever bem a sua lingua. Pelo menos com grammatica.

RUY CÔRTES (Espirito Santo) — Gostei do seu soneto — "Meu poema para você". O sr. é um poeta simples, que sabe commover. Parabens.

KAT (S. Paulo) — Na sua carta, o sr. me fala de um soneto que lhe foi ter as mãos, sem o nome do autor, e delle me remette uma copia, para que o identifique.

Palavra de honra, não é facil a

tarefa. Para quem lê versos diariamente, de todos os feitios, procedencias e autorias, não é á primeira vista que se possa dizer quem escreveu este ou aquelle poema. Tanto mais quanto não se trata de uma obra classica.

A pessoa que lh'o enviou, sem o nome do autor, commetteu um crime de lesa-literatura, prejudicou a propaganda do poeta e revelou uma falta de senso artistico deploravel. Essa pessôa me dá a idéa de muitas outras que usam perfumes sem lhes saber os nomes ou tomam vinho sem procurar conhecer-lhes a marca, nem a idade. E' uma creatura de mau gosto.

Não o posso affirmar, mas, si não me engano, o referido soneto é de Alceu Wamosi, grande poeta gaucho, já fallecido. Em todo caso, eu o publico nesta secção, na esperança de que algum leitor me descubra o seu autor.

Eis o soneto:

MEU CORAÇÃO

Eil-o, é teu, todo teu, mas guarda-o bem guardado
E' um livro onde escrevi a minha dor suprema,
Folheia-o devagar, folheia-o com cuidado
E' um grande, é um triste, é um mago, um doloroso poema.

O titulo é teu nome, o teu amor é o thema
A phantasia delle é teu sorriso alado
Teu sorriso feliz de uma alegria extrema
Que em cada phrase escripta em contrarás vasado.

E' um idyllio, verás mas si acaso o releres
A ti mesmo pergunta o que não comprehenderes,
só tu decifrarás todo e qualquer problema.

O epílogo depois entenderás sozinho
Mas si chorares, chora em silencio... baixinho,
Para que o mundo ignore a minha dôr suprema.

Cobro por cada estudo de graphoolgia 20$000, apenas.

ADELIA BOMFIM (Capital) — V. ex., num cuidado muito minucioso, cata, letra por letra, no que

todos...

escrevo, para, no fim de contas, me enviar uma carta como esta:

"Prezado Yves. Não fique zangado pelo que vou dizer:

Qualquer menino de escola primaria sabe que *cujo* só significa: *de que, de quem*. Entretanto o apreciado critico litterario, respondendo á "Morgadinha" ("Fon-Fon" 16 de Maio), empregou: *cuja carta*... em vez de *a qual*. "Errare humanum est". E tanto mais que o academico Augusto de Lima escreve *exhuberante* (com *h*) ("A Noite"), e Coelho Netto, nobre collega deste, em autographo publicado na "Revista da Semana" de 16 deste mez, graphou *systhema*. (com *th*)...

Despretenciosamente envia-lhe uns bolinhos a admiradora

ADELIA BOMFIM

Resposta:

Tudo isso pode ser verdade. Mas o que é exacto é que no numero de 16 de Maio do *Fon-Fon*, (1930-1931) não ha nenhuma resposta para "Morgadinha". Por ahi pode v. ex. vêr o criterio da sua accusação e a consciencia da sua critica. V. ex. diz (ou decreta?) que empreguei "cuja carta", em logar de: "a qual". Mas não teve a hombridade de transcrever o trecho, para que eu o analysasse e me defendesse com segurança.

Em todo caso, veja si sei empregar o pronome *cujo*: "A professora, cuja intelligencia é duvidosa, não merece resposta".

Acertei?

BERTRAND (S. Paulo) — Eis a carta que o sr. me dirige:

"Caro Yves. Tendo occasião de lêr na conceituada revista do "Fon-Fon" o seu estudo graphologico, espero que me faça o grande obsequio de estudar minha graphologia.

Ha muito que pretendo escrever-lhe, mas receiava, como ainda receio, que o seu estudo fosse mostrar aos milhares de leitores, o meu caracter, que, pelo que estudei nelle, não é nada apreciavel.

Esperando seu "veredictum" que para mim é de grande importancia, subscrevo-me seu multissimo amigo e grato pela sua gentileza.

BERTRAND"

1.º — Para exames graphologicos, é preciso escrever em papel de linho e sem pauta.

2.º — A desconfiança, que é um dos seus traços caracteristicos, impediu-o de escrever o seu verdadeiro nome, o que é imprescindivel a um estudo de graphologia.

3.º — Fazer exame de letras é uma coisa mais séria do que o sr. pensa. Estou certo de que, si o sr. valorasse esses estudos — criteriosos como em geral são os meus — acharia justo que cobrasse 20$000 por cada um delles, e, nesse caso, accrescentaria á sua missiva: "Sr. Yves — Ahi vae um vale postal de 20$000". Ou então: "Quanto lhe custa um bom tratado de graphologia? E quanto tempo perde em fazer um estudo?" E eu responderia: "Um bom tratado? — 60$000. O tempo perdido? — uma hora, no minimo."

O mal do brasileiro é achar que as coisas só prestam, quando de "carona". Ninguem quer pagar... Isso a começar pelo senhorio e a terminar pelo bonde. Conheço senhoritas — até ellas, hein? — que são inveteradas "caronas" de tudo, neste mundo: prestação, cinema, automoveis, pensão, graphologia... Uff!

E é por isso que o Brasil não prospéra...

(Cont. na pag. seguinte)

JOSE' ALONSO (3) — Sim. O seu soneto *Manhã* será publicado. Quando? Dolorosa interrogação! Si possivel deportar para o Polo Norte as centenas de poetas que aqui entram por semana, o sr. teria espaço para os seus versos.

M. M. GRALHA (Capital) — E' muito curiosa a sua missiva modesta. Escreve o sr., com a timidez dos modestos:

"Exmo. Snr. Yves. Saudações. Admirador sincero do seu talento e leitor assiduo da sua secção, conhecendo e admirando a sua justiça e sinceridade na critica dos trabalhos alheios, ouso roubar-lhe um pouco do precioso tempo para o julgamento de dois trabalhos meus (versos) na esperança de achar ainda na sensibilidade dos seus nervos quasi exgotada pelos poetastros, um pouco de benevolencia para mais este. Não tenho, nunca tive pretenções a poeta e literato, mas, como todo o brazileiro que se preza não pode deixar de ser poeta, sigo a lei fatal da nacionalidade... e venho agora atormental-o com os meus pobres "pés quebrados".

Perdoar-meá, porém, estou certo porque é benevolente e aguardarei tranquillo a justiça e a sinceridade da sua sentença para perder a mania de versejar.

Sem mais, subscrevo-me o Odor. Att. e Obdo.—*Manoel M. Gralha.*"

Pela primeira vez vejo um poeta que, sendo Gralha, não se enfeita com pennas de pavão... O sr. é o pavão de pennas bonitas e vistosas que pretende passar por gralha no terreiro onde os tico-ticos querem cantar de gallo... E' curioso! Mas, caro poeta, não tenha receio. Si o sr. acata a minha opinião, pode ficar descansado. No meio desses passaros... *cantores*, que cantam, mas não entoam, o sr. é uma ave do paraiso, e vôa alto como um condor...

Isso aqui não é "basse-cour", não é aviario; é, antes, uma casa de aves, das quaes é necessario cortar as asas e mettel-as na... "cesta", que é uma gaiola acolhedora.

Mas o sr., emquanto fizer versos como os de "Madona da Tristeza", "Evocação" e outros, ha de voar por cima delles, com a audacia e a confiança das aguias...

Espere a sua vez, caro Manoel Gralha.

NICANOR COELHO PEREIRA (S. Paulo) — Hum! Lá vem mais um poeta! Que deseja elle? Leiamos a sua carta violeta:

"Yves, poeta sempre admirado, cumprimentos. Com os meus versos que hoje lhe envio, torno mais numeroso o grupo de poetas e *poetas* que, portanto, illuminam ou atravancam essa casa. Não digo uma palavra a meu respeito ou a respeito dos meus versos, como intróito: sou um idealista e os meus versos, productos de um sonho ideal, não levam cartazes explicativos: ou valem alguma coisa ou nada valem.

Muito grato e amigo, apresento-me a sua pessoa e engajo-me nas fileiras dos seus verdadeiros admiradores. — *Nicanor Coelho Pereira.*"

Diz o sr. que se engaja nas fileiras dos meus admiradores? Obrigado. Mas, o sr. não será "promovido"... Continúa praça de pret. e será desarranchado...

Quando fôr promovido a poeta — capaz de versos menos banaes — então receberá as duas divisas de cabo... lyrico.

KATE (Paraná) Sim. Mas o diabo é que cóbro 20$000 por cada estudo graphologico. Ninguem acredita que *isto* seja real. Acha muita gente que certas sciencias só se fizeram para a delicia dos "caronas". Ou por outra: que a graphologia só tem valor feita... graciosamente...

Bôa logica!

Pois sra. d. *Kate*, lamento muito, mas não posso... Fiado só amanhã. E si v. ex. não acredita que eu cobre o meu rico trabalho, mande-me o seu pobre cobrinho representado num lindo vale postal de 20$000, e verá como elle entrará maciamente no meu bolso...

E adeus, *D. Kate*. Fiado, e de carona — não pode ser. Desculpe.

ODETTE (Santa Catharina) — Primeiramente, leiamos a sua carta. Eil-a:

"Yves. Podes dar o fim que quizeres a minha pequena "pretenção"...

Não ficarei zangada, absolutamente, pois acho que sempre tens um optimo modo de julgar.

E' verdade Yves que só fazes estudos de graphologia com "remuneration"?

As vezes é preferivel não sabermos o que nossa lettra revela...

Depois que li o tratado de graphologia do dr. Paul Joire fiquei

A estrella de cinema. — Si não me engano, já o vi em algum logar...
O joven. — Sim; eu fui o seu primeiro marido.

Maravilhada com esta sciencia. Eu tinha pensado que os graphologos poderiam escrever de modo que todos os seus traços tivessem um significado lisonjeiro para elles, mas a leitura do livro que acima mencionei, convenceu-me da impossibilidade de tal.

No dizer do dr. Joire, conhece-se a primeira vista, a escripta de uma pessôa com tal preoccupação, pois no decorrer de uma carta insensivelmente a calligraphia retoma sua forma de sempre.

Procurei entre os diversos retratos graphologicos que o dr. Joire deu como modelos, e não encontrei um só semelhante a minha letra.

Perdôa-me Yves, tanta conversa, sim?

Muito grata etc."

De todos os reparos que fez sobre a graphologia, só dois me interessam vivamente:

1º Pergunta v. ex. "si só faço estudos graphologicos mediante remuneração"; 2º — Refere que, apesar de folhear o tratado de Paul Joire, não encontrou o modelo da sua letra...

Resposta:

Ora, a logica e a boa-fé estão indicando que basta este ultimo detalhe para justificar a valorização do meu trabalho.

Si v. ex. — que deve ser intelligente — virou e revirou o Paul Joire, e não encontrou o retrato da sua letra, é signal de que *não basta ler um só livro de graphologia para que uma pessôa se torne um graphologo.* E' mister adquirir muitas obras sobre o assumpto; ler, estudar comparar, incessantemente, e dispôr, sobretudo, de uma rica collecção de cartas, e autographos escriptos em condições especiaes. E' necessario estudar a sciencia, sem interrupções, pelo menos um anno a anno e meio, tendo sempre o cuidado de fazer observações pessoaes. Sem esse criterio e essa tenacidade, o que se consegue, no maximo, é ser um vago charlatão — desses "adivinham" caractéres e "estudam" letras por "palpite".

Esses charlatães, que até ignoram que um Desbarolles custa 60$000, etc. e não dispendem um real com a graphologia, — esses, sim, podem fazer estudos graphologicos, sem nada cobrar ao consulente. Pois nem o tempo elles perdem.

Quanto ao caso de v. ex. não encontrar o retrato da sua letra no Paul Joire, é coisa explicavel: primeiro — porque os tratados não fornecem todos os modelos de graphias. Então, seria um nunca acabar. Depois, porque é pelo estudo lento e pertinaz que se aprende a classificar os varios typos de letra — os que figuram e os que não figuram nos livros.

Ou v. ex. suppõe que era só abrir um volume sobre a sciencia de Baldo, e logo lhe conhecer os fundamentos, com a mesma facilidade com que se abre um programma de cinema?...

Dá licença que não acredite mais na sua intelligencia, D. Odette?

O bilhete sentimental, dirigido ao seu namorado, não devia ser destinado ao *Fon-Fon* — mais simplesmente ao correio terrestre... O correio aereo — não. Seria ferir o seu pequeno "com uma allusão desconcertante...

Que diz?

MARTHA (S. Paulo) — Os agradecimentos vão aqui em nome do Oswaldo Santiago. E' elle o autor da valsa "Teu sorriso é a minha dôr". Minha só é a letra. E, como sabe, a partitura é que tem valor; o libreto quasi sempre desapparece.

Creio que em S. Paulo ainda encontrará essa valsa. Mas aqui no Rio é certo: é só dirigir-se a qualquer casa de musica.

Ha tambem o disco "Teu sorriso é a minha dôr". E' cantado por Edgard Velloso.

O soneto de Baudelaire a que se refere está nas "Flores do mal".

BOHEMIA (R. G. do Sul — Hum! E' perigoso emittir uma opinião que contrarie os projectos literarios de uma gaucha. Emfim, leiamos, antes, a sua missiva:

"Sr. Yves. Esta é com o fim de pedir-lhe para publicar na bella revista o Fon-Fon, estas minhas humildes producções.

Sei que não são dignas de tanto, mas é contando com a sua protecção que lhe peço isso.

Papae, que é escriptor, acha tudo que eu escrevo muito mal feito

(Cont. na pag. seguinte)

— E desde quando ama o senhor minha filha?

— Desde que a vi, pela primeira vez, em um magnifico automovel!

errado etc, por isso peço-lhe que me diga si é da mesma opinião.

Será da mesma idéa de meu Pae?

Pois elle sempre me desanima quando me vê escrever.

Sem mais, com muitos votos de saude e felicidade.

Subscrevo-me agradecida. — *Bohemia.*"

Não. Por minha parte não sou tão exigente como o seu illustre pae. Acho que v. ex. é uma dama intelligente. Mas, por ora, ainda é cedo para escrever numa revista como o *Fon-Fon*. Deve ficar nos jornaes manuscriptos, que circulam, num só exemplar, no interior do collegio, ás occultas do professor de oculos fuzilantes.

ILIANA ROSE (Capital) — Adivinho em v. ex. uma apaixonada do poeta bahiano Queiroz Junior. De sorte que, si eu désse uma opinião desfavoravel á sua arte, certamente v. ex. não gostaria nada. Mas como justamente tambem admiro o poeta, e delle sou camarada, creio que lhe faço

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

maior somma de bem, publicando a sua missiva, do que dizendo o que penso a seu respeito.

Sim, porque, eu prefiro todos os desaforos de uma mulher bonita, aos elogios mais rasgados de um marmanjo.

Eis a sua carta, que tanto bem fará a Queiroz Junior:

"Snr. Yves. Cumprimento-o cordialmente!

Gostaria que dissesse algo sobre minha letra, serei attendida? Tem meu amiguinho tanta gente para o importunar, que quizéra não augmentar o numero, se não fôra a curiosidade de lel-o, e o prazer de consultal-o.

Qual a sua opinião sobre "Intimidade" de Queiroz Junior, o joven poeta bahiano, que actualmente nos orgulha com sua presença?

Envio-lhe a minha, muito obscura para o Snr. Yves, levar em consideração.

"Ouvir Queiroz Junior e lel-o é a mesma coisa!" Suas palavras penetrantes fallam a alma! Seus versos expontaneos têm qualquer suavidade que parecem caricias vindas dos céos! Conhece Queiroz Junior? Já teve o prazer de lel-o? Desejaria ouvir a opinião do Snr. Yves, sobre este poeta, que tanto admiro! Possúo "Intimidade", e o "autographo" do autor, que considero duas preciosas reliquias. Amo as coisas bellas, mas não sei fazer versos.

Perdôa-me abusar tanto de sua paciencia. Obrigada! — *Eliana Rose.*"

E agora diga ao Queiroz que lhe mando lembranças. Por sua vez, o Queiroz dirá ao Berto de Campos, ao Amado Coutinho, ao Hermes Lima e ao Francisco de Mattos, — esse grupo de illuminados bahianos, — que não me esqueço delles.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 6-6-931

Data da consulta..............

Nome do consulente ....

....

— Meu Deus! A criada que despedimos, hontem, roubou-nos seis toalhas.
— De quaes?
— As melhores; aquellas que haviamos trazido do Hotel Beira-Mar, no verão passado.

— Como quer o senhor que córte o seu cabello?
— Corte-o de vagar... bem devagar...

Que satisfação para uma senhora quando se olha ao espelho e verifica que a sua linda "toilette", apesar de seu uso frequente, nada perdeu da sua elegancia, da nitidez e belleza de suas côres! Isso acontece quando a fazenda e enfeites que serviram á sua confecção foram tintos com

o corante universalmente conhecido pela sua insuperada resistencia ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

Ao comprar tecidos verifique sempre se elles trazem a etiqueta ao lado, garantia de que foram tintos com corantes Indanthren.

PIERROT

Adolpho

ERA a ultima noite do reinado de Momo.

— Um beijo... Quem quer um beijo?...

Em pé sobre um estrado, que a loucura do momento transformava em magico pedestal, Colombina repetia a offerta, erguendo-se graciosamente para surgir como uma deusa no tumulto da festa.

Seus olhos — duas campanulas matinaes, duas violetas avelludadas — ao fitar o pállido Pierrot, reflectiam ternura infinita, mansuetude-amor, serenidade...

Não offerecia seus labios com o gesto ironico de sempre.

Como uma transmutação milagrosa se ia operando na face de Colombina, com a fonte pura inclinada para o infeliz Pierrot, que, como um somnambulo de amor impossivel, ia para ella!

— Quá! quá! quá!

Uma gargalhada ruidosa, burlesca, irritante, quebrou a espectativa de poetico silencio.

Ergueu Colombina aquella sua cabecinha de passaro, cabecinha assustada, que balançou voluptuosamente. O mal era nella uma virtude tambem: em suas pupillas havia scentelhas de luz aguda como a ponta de um punhal.

De um lado do salão, saltando, correndo e gritando, e fazendo soar mil guizos de loucura, vinha o ridiculo, o torpe Arlequim, ansioso tambem para alcançar a doce offerta.

— Quem quer um beijo? — gritou, pela terceira vez, a inquieta Colombina, batendo nervosamente o tablado com o salto do sapato, ao mesmo tempo que olhava de soslaio Pierrot; e offerecendo-se toda, offerecia seus labios passionaes ao perfido Arlequim.

— Vem a meus braços! — exclamou, com voz rouca, o fantoche.

E, afastando bruscamente o pobre Pierrot, tomou Colombina pela cintura, e, beijando-a com furia, se perdeu com ella entre a algaravia multiforme da mascarada.

Infeliz Pierrot!

Machinalmente, com os braços estendidos, implorava:

— Vem!... Vem!

Só a gravidade dos violoncelos respondia a seu chamado angustiado. E, como os meninos orphãos que chamam suas mãezinhas, o infeliz amoroso chorou...

— Viva o maluco a quem tomaram a dama!

— Viva-a-a-a!

Apertando contra o peito o bandolim, acoitado pela troça cruel de todos, elle abandonou

E A LUA...

Vilela

aquelle logar, levando para longe a sua dor assim tão infamemente ironizada.

Como um coração morto, como uma alma que não soffre sensações, levando sobre os hombros a mortalha de neve, ia Pierrot pelo branco caminho, tão silente, tão silente, que apenas se encantava o éco de seus suspiros.

Lá longe, bem longe, onde as estrellas pequenas parecem arremedar o pestanejar dos cherubins, a lua, serenamente, vogando e vogando, seguia o roteiro da eternidade.

Era seu outro amor.

— Cessa em tua doce marcha, pallida e dolente lua!...

Com os olhos immensamente abertos, elevando os braços para o alto, recitou uma oração pagã: "Minha Alva, minha noiva, detém-te um só instante e faze com que a magia de tuas nuvens astraes me levem até junto de ti!... Bem vês que anseio reclinar minha fatigada fronte em teu regaço!... Leva-me comtigo, amada, na viagem infinita!... Deixa que recite, que sussurre, que modúle apenas todas as phrases galantes e tristes que tua belleza me inspirou!"

A lua, como si escutasse a supplica do pobre, descia paulatinamente.

— Oh, lua... Oh, meu amor!... Vem para mim! — exclamou elle, satisfeito.

E poz-se a errar pelo caminho branco, executando no bandolim doces balladas de amor. E assim, com sua bagagem de lyrismo, perambulou o poeta em marcha triumphal, chegando, allucinado, até o fim do caminho.

Um lago immenso se lhe apresentou aos olhos — um lago em cujo leito de aguas azues a lua se reclinava docemente, voluptuosa e sensitiva como amante que espera...

— Minha... minha!... Serás minha! Adormecerei em ti — repetiam seus labios exangues, procurando alcançar a pállida amada.

Mas a brisa, apenas um suspiro de donzella, movia rythmicamente a mansa folhagem, afastando em seu vae-e-vem o disco luminoso.

Pierrot penetrava no lago.

Sonambulo de amor, de um amor impossivel, já sua mão febril julgava acariciar a branquissima imagem. Todo o seu ser experimentava a laxidão do doce contacto...

Um suave ruido rompeu apenas a quietude da noite... E, como um batel de lyricos sonhos, fluctuava depois o bandolim, emquanto que a lua, piedosamente, punha suas notas de prata entre as cordas adormecidas...

"A mocidade é como o Lotus:
floresce apenas uma vez."
KOHOUT
VALE A PENA
PENSAR
A mocidade é uma só — e esta mesmo pode ser abreviada pelos estragos da saude. Defender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até a velhice.
A fonte perenne de conservação para o sexo feminino é
A Saude da Mulher.
Favorece as Mocinhas,
porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.
Favorece as Senhoras,
porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores-Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.
Favorece as Senhoras mais edosas,
porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

FON-FON

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1931

PERGUNTAS SEM RESPOSTA

A Atlantida terá existido? O oceano, que perpetua o seu nome, guarda avaramente o segredo millenar do esplendoroso continente de Platão. Como disse Heine, "o mar sabe tudo... Nas suas profundezas, jazem os imperios fabulosos abysmados, as velhas tradições desapparecidas da terra...:" O mar sabe tudo e sorri da vã curiosidade dos homens. Vã e passageira como elles proprios.

Terá existido a Atlantida?

* * *

Quando os navegadores da antiguidade, imbuidos de preconceitos, superstições e temores filhos da ignorancia, acreditando em lendas e fantasias, espalharam a fabula das ilhas afortunadas, que boiavam felizes sobre as vastas aguas traiçoeiras do mar Tenebroso, mal sabiam que creavam um verdadeiro symbolo. Essas ilhas fôram e são na verdade afortunadas pelo papel historico que lhes coube de degráus ou estações para a marcha da civilização, outróra pelo mar e hoje pelos ares, em busca de novas paragens, novas gentes e novos mercados.

Uma terra Afortunada não será sonho irrealizavel?

* * *

A humanidade foi antanho guiada por grandes espiritos de iniciados divinos: Rama, o creador do cyclo aryano; Krischna, o instituidor da civilização brahmanica; Hermés Trismegisto, o iniciador dos mysterios egypcios; Moysés, o guia da missão israelita; Orpheu, o civilizador dionysiaco da Grecia primitiva; Pythagoras, o mago da sciencia apollinea; Platão e Jesus, os creadores da moral religiosa. Por que, depois do ultimo, nunca mais a pobre grei humana, batida de flagellos, teve um homem divino que lhe estendesse a mão?

* * *

Na Guatemala se achou vetusto cunho de cobre contemporaneo das civilizações primitivas e mysteriosas da America Central em que uma serpente se enrola numa arvore, tal qual o espirito do mal na arvore da sciencia do Paraiso, da mesma maneira que igual serpe constringe um tronco numa antiga moeda de Tyro.

Onde teria a cobra maldita tentado nossa mãe Eva, aquem ou além do Atlantico?

* * *

Todos os povos antigos criam numa idade de ouro em tempos idos e em terras de além. Ella abrolhou na *Odysséa*, naquella ilha de facil viver, sem neve e sem chuva, refrescada pelas auras suaves e perfumadas do oceano bonançoso. Era o *Elysium* dos antigos, o Jardim das Hespérides carregado de pomos aureos, a Merópida ridente, de onde nasceram os mythos da Manôa e do Eldorado, que morreriam sob a gargalhada de Rabelais no decantado paiz da Cucanha, onde os leitões passeavam assados pelas ruas, as pedras eram de assucar e os rios de leite, de vinho ou de mel... Por que matar as lendas?

* * *

A escripta, embora rudimentar, representa já a civilização, visto como, si todos os povos selvagens falam, nem todos escrevem. E o signal traçado no barro, no ôsso, no couro ou na pedra completa a palavra com o gesto e perpetúa a idéa.

Cadmo, quando traz a civilização aos gregos, dá-lhes o alphabeto que inventou. Não seria melhor que eternamente o ignorassem?

* * *

Os ciganos, desde muitos seculos, vagueiam pelo mundo inteiro, passando por entre as outras raças sem se misturarem, conservando mais ou menos sua lingua, seus habitos e seus costumes. Não se sabe de onde vêm, nem para onde vão. Seu berço e sua finalidade são mysterios indecifraveis. Nunca se soube o que queriam, o que desejavam. Passam e, ás vezes, voltam. Não têm destino certo e desconcertam quem os observa e os estuda pelo immenso segredo que os envolve.

De onde vêm? Para onde vão?

JOÃO DO NORTE

Arvore do Bem e do Mal

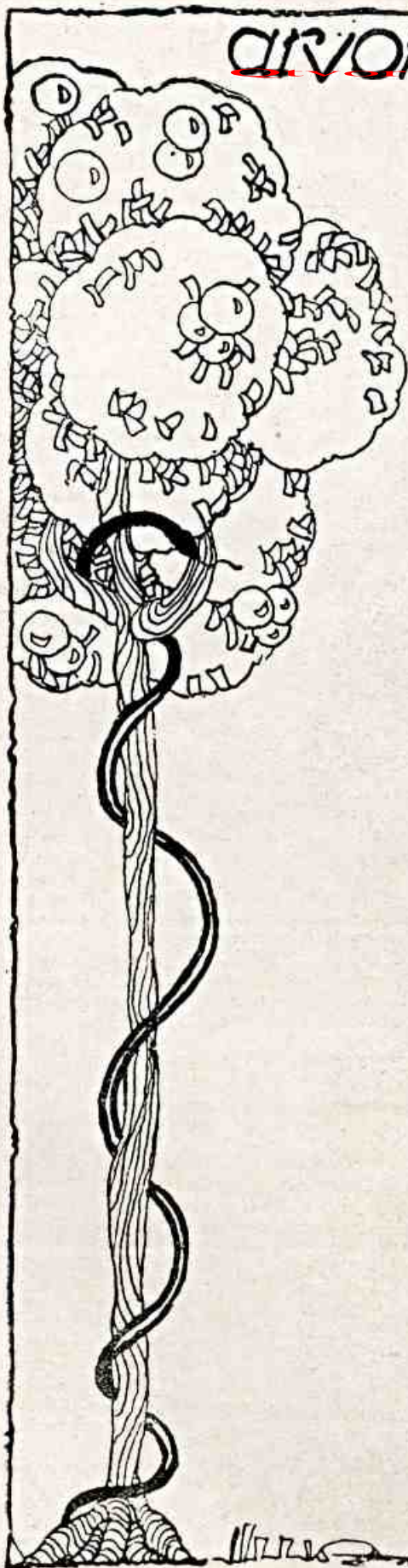
Claudio França

A resposta de Massillon

SI a esteril philosophia dos impios triumphasse, o universo inteiro — como disse Massillon — seria um cháos. Tudo se confundiria de tal modo, que a virtude passaria a ser vicio e o vicio passaria a ser virtude. Desapparecidas as mais inviolaveis leis da sociedade, alicerçadas em seculos e seculos de tradição e experiencia, pereceriam a harmonia dos corpos politicos, a disciplina dos costumes, as regras dos governos, os principios da justiça e os dictames da moral. Transformar-se-iam os povos em multidões de insensatos, de tarados, de viciados, de barbaros, de desnaturados, de perversos e de loucos que nada poderia conter. Lei seria a força. A irreligião e a licença campeariam. Tudo seria monstruoso. E a sarabanda dos povos correria pela borda dos abysmos.

Um exemplo colossal desse futuro que Massillon e Lammenais prejulgaram com inspiração prophetica ha mais dum seculo, o primeiro bem antes do segundo, se amostra aos olhos da humanidade. Aprendam nelle os perigos das theorias do atheismo os homens de bôa vontade.

E quanto áquelles que as defendem e por ellas de má fé ou inconscientemente se enthusiasmam, demo-lhes a resposta candente do grande orador da Verdade do futuro:

— "Si esse plano vos agrada, formae uma sociedade com esses homens monstruosos e tudo o que nos resta a dizer-vos é que sois digno de fazer parte della."

FAIANÇAS

D. JUAN E O SEU MODERNO PROCESSO

CERTO escriptor francez, de cujo nome não me recordo no momento, fez notar que em Paris é onde existe maior numero de *badauds*. E cita o caso de uma rua que teve o transito interrompido, por causa de uma multidão que se avolumou em redor de um rato.

Um rato!

Quer isso dizer que nada é de admirar numa grande cidade como Paris, Londres, Berlim ou o Rio. Aqui, na verdade, todas as coisas são possiveis. Mesmo porque tudo é de esperar do espirito "blagueur" do carioca.

Em humorismo, elle é inegualavel. Só o parisiense poderá defrontal-o. Mesmo assim...

Vejamos os exemplos. Surge uma novidade? Minutos depois a *urbs* está cheia de commentarios pittorescos sobre ella. As coisas que entram nos habitos da vida urbana são chrismadas com um chiste e uma propriedade inimitaveis. Foi assim com a *viuva alegre*, o *tintureiro*, o *tayoba*, o *pisca-pisca*, o *tumulo do atropelado desconhecido*... Que sei eu? Seria enfadonho ir mais longe.

A ultima do carioca é a *blague* lançada por um gaiato qualquer, a proposito da policia de costumes. O serviço de fiscalização em torno dos dons Juans, em bôa hora creado pela clarividencia do dr. Salgado Filho.

Como se sabe, a policia não consente mais que os almofadas persigam as senhoritas e senhoras, com gracejos e galanteios desrespeitosos.

Antigamente, era horrivel. Passava um lindo palmo de cara? Elles avançavam:

— Hum! Esta é bôa.

E outro:

— Oh, bellezinha! Posso seguil-a?

— Pr'a onde vae, amorzinho?

E a moça se via desorientada — sem ter para quem appellar.

Hoje, não: cada galanteio custa 20$000, na delegacia mais proxima.

Ora, o carioca não passa sem carnaval, sem football, nem galanteios ás damas. A crise está forte. De resto, as complicações com a policia nem sempre são agradaveis. Que fez elle?

Não se apertou. Resolveu o problema do donjuanismo da maneira mais pratica.

E é assim que elle, ao

O sorriso e a graça das nossas ruas.

(*Conclue na pag. 28*)

Primeira missa no Brasil

OLIVEIRA e Silva é um poeta de nome feito. Autor de varios livros, não descansa na sua faina de produzir bellezas. "Primeira missa no Brasil", que elle nos offerece, é um poema premiado pela Academia de Letras, no concurso de poesias historicas, que em abril ultimo se realizou naquelle cenaculo, por iniciativa de Medeiros e Albuquerque.

Publicando-o nesta pagina, prestamos uma homenagem ao talento do magnifico poeta, tão justamente admirado no Brasil inteiro.

Nuvens de frocos. Espumas claras. Ondas que riem como [crianças.
Pousam, rodopiam azas nos mastros das caravelas.
Oh! embebedante, luminoso, limpido e lavado Azul!

Cantigas entôam as boccas alegres da marujada.
— O' sol — que pareces, hoje, nascer, e tornas mais bellas
As dunas morenas, as náos victoriosas que balouçam, man- [sas,
As palmeiras longas, as louçanias da terra encantada,
Coração menor no grande coração da America do Sul!

Na ilhota de Porto Seguro, entre os verdes da mattaria,
Espiam indios, medrosamente, a aberta clareira,
Não tarda a se iniciar o augusto mysterio na selva bravia.
Manhã dominical de vinte e seis de abril.
Ha uma cruz enorme, espantando os passaros, sobranceira,
Perto do altar, tosca e talhada já na madeira
Côr de braza ardente. Faúlha que é lenho. Sangue do Brasil.

Paramenta-se frei Henrique. A quando e quando,
Sussurram folhagens. Reluz a brancura de dentes ferozes.
Um cocar multicôr se esgueira, ornamental.
Um a um, persignam-se os marinheiros energicos ajoelhando.
Os pulmões rudes, que respiraram as tempestades, dão mei- [gas vozes.
Agradece ao Senhor Pedro Alvares Cabral.

Começa o mysterio. Os brancos, alliados do perigo,
Oram. De repente, Christo se eleva, transformado em trigo.
Gorgeios. Cicios de aragens finas da manhã.
Pela primeira vez, projecta o martyrio na barbara paizagem
Que apenas conhece musica de borés, gritos de carnagem
E a lingua dos homens bronzeados que tremem de medo, [pensando em Tupan!

Levanta-se Christo, agora, no calice que rebrilha.
Ao sol. Na turba um commovido fremito passa.
E o mais puro louvor, num indelevel cantico
De fé, em todos os labios tremulos de gratidão.
Desde esse instante — oh! incomparavel maravilha! —
Christo vae esplender no destino da raça.
E a grande sombra cresce entre os Andes e o Atlantico,
E caminha comnosco e dá-nos sua mão...

Oliveira e Silva

A CONSAGRAÇÃO DA PADROEIRA DO BRASIL

Nossa Senhora Apparecida. Nossa Senhora Padroeira do Brasil. Pequenina e linda, no seu andor fulgente e redoirado, que a fé christã sustem com humildade, ella chega ao altar glorioso, onde será enthronizada, depois de um longo desfile de tres horas. Desfile que é uma dupla corrente de fieis, de devotos contrictos, de anjos, de virgens, de bispos e arcebispos, de religiosas, de franciscanos, de ministros, de diplomatas, de gente de uma esphera mais alta e da pura massa anonyma. E, emquanto, resplendente de graça, a santa dos milagres innumeros é delirantemente apotheosada — como verdadeira Rainha do Céo — a sua benção, de certo, se derramará sobre a cabeça da multidão compacta, sobre as ondas de povo que, por todo um dia, e toda uma tarde, cheia do sol de maio, dão uma prova eloquente de fé. O Rio, com a procissão de Nossa Senhora da Conceição Apparecida, realizada domingo ultimo, assignalou uma cerimonia christã nunca vista em todo o nosso paiz. Tambem tinha de ser assim. Nossa Senhora Apparecida, que conta com tantas sympathias e devotos, rojados aos seus pés divinos, é, hoje, a Immaculada sob cuja evocação fica este torrão bemdito, onde choramos ou sorrimos. Esta pagina dá uma idéa da colossal multidão que, contricta e respeitosamente, aguardava, na praça da Republica, o desembarque da imagem de Nossa Senhora da Conceição Apparecida, que veiu do seu santuario paulista para ser glorificada e coroada na capital da Republica.

FAIANÇAS

(*Conclusão*)

ver uma *bôa* "pequena", lhe passa um cartão onde estão impressos os seguintes dizeres:

AMO-TE

Dobrando — Dobrando
este canto — este canto
será o sim — será o não

Por ti minh'alma
soffre e feliz seria
se a senhorita acceitasse
uma declaração de
Amor

Devolvendo o cartão intacto dará uma esperança

Senhorita, caso não goste
da minha declaração
de amor queira
desculpar a ousadia d'este
que lhe ama com
todas as forças do
coração.

Apenas, eu não creio que, com as jovens de espirito, as moças intelligentes, o portador de semelhante cartão possa ser mais feliz do que os que pagam multa á policia... Estes, pelo menos, revelam mais audacia...

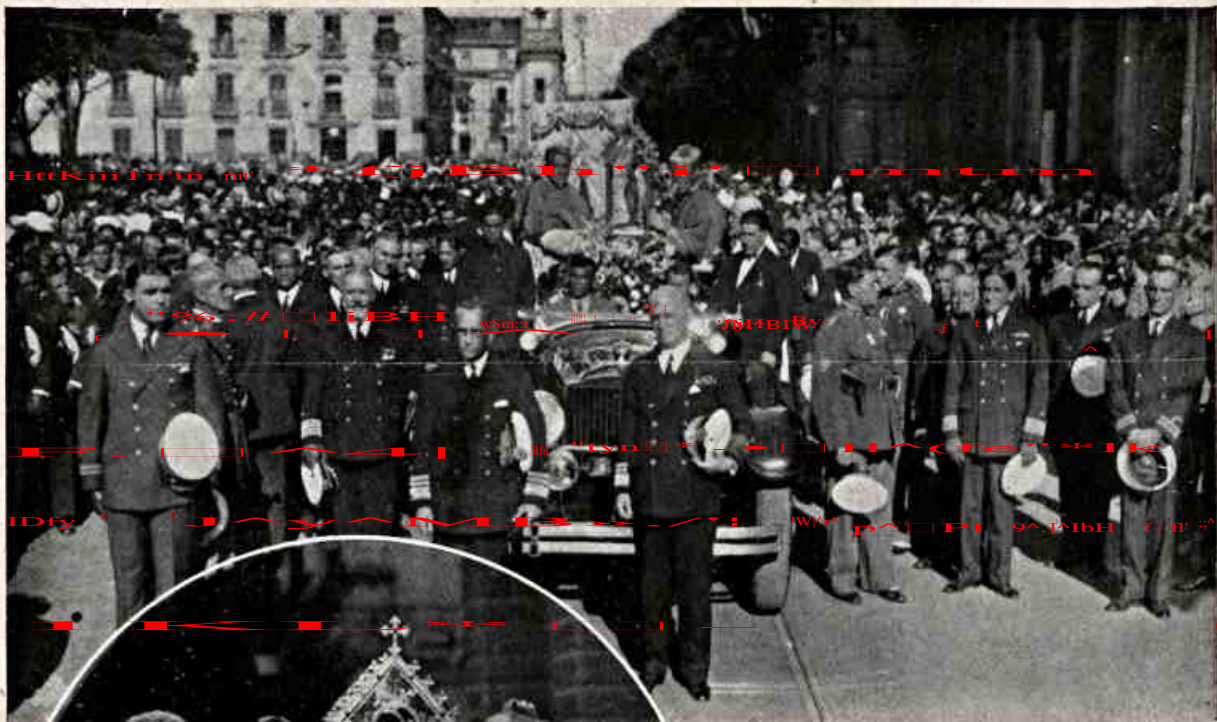
YVES

D. Duarte Leopoldo, arcebispo de São Paulo, quando desembarcava na estação D. Pedro II, domingo pela manhã, conduzindo nos braços a imagem da Padroeira do Brasil. Ladeando s. ex. revma., apparecem, na photographia, o eminente principe da Igreja Brasileira, d. Sebastião Leme, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, e o revmo. padre dr. Henrique de Magalhães, que respondiam, commovidos e exaltados, ao enthusiasmo religioso da multidão.

A CONSAGRAÇÃO DA PADROEIRA DO BRASIL

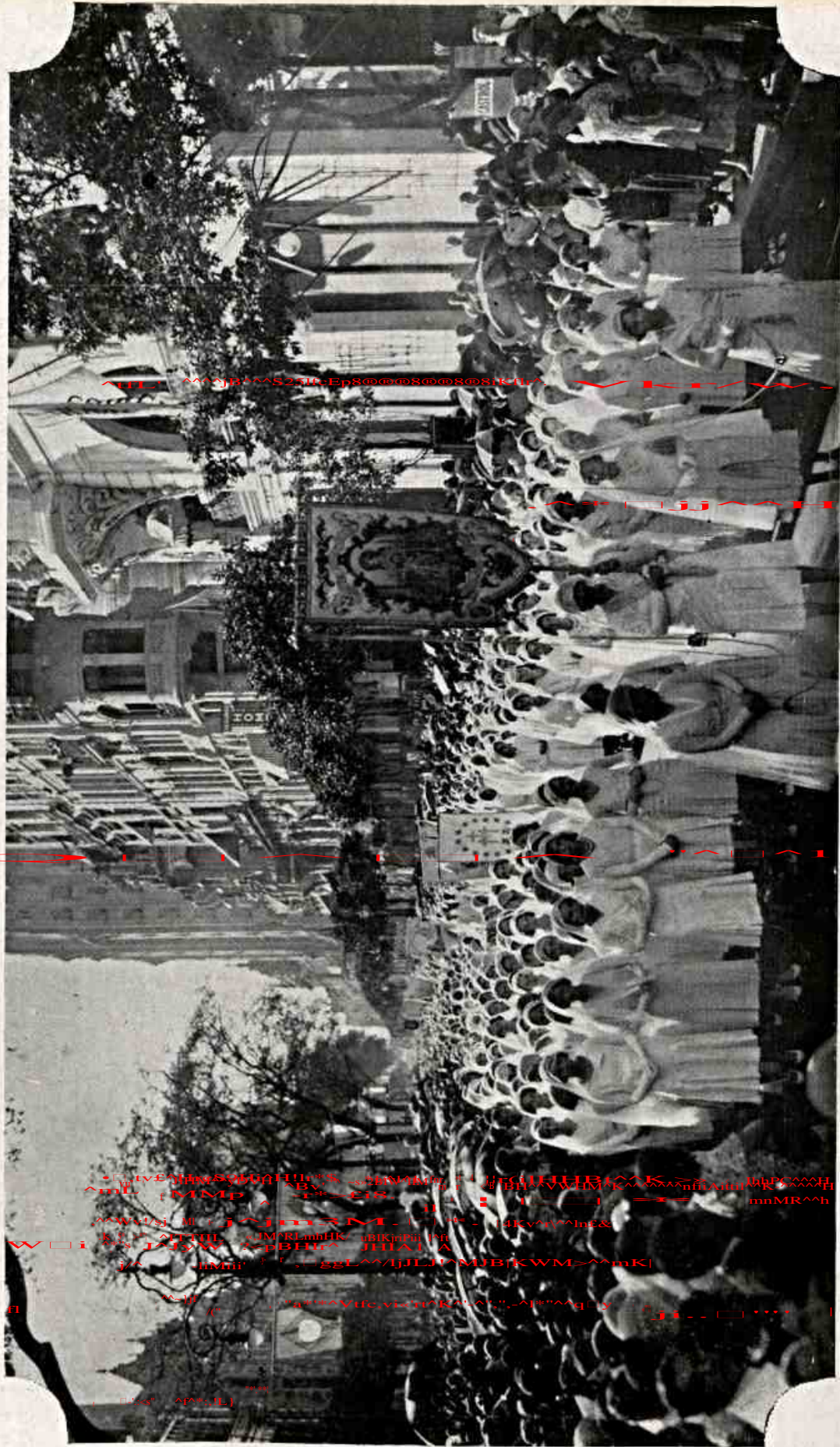
Outro detalhe da grande massa popular que se comprimia, respeitosa, nas immediações da velha Central do Brasil para prestar as suas homenagens filiaes á imagem da gloriosa padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Apparecida, cuja visita e coroação nesta capital foi o empolgante acontecimento de domingo passado.

Depois de desembarcar na estação D. Pedro II, onde recebeu uma verdadeira glorificação do nosso povo, a imagem de Nossa Senhora da Conceição Apparecida foi trasladada processionalmente para o largo de S. Francisco, onde, á frente do templo ali existente, devia ser enthronizada. No automovel que conduziu a Rainha do Brasil viajaram o cardeal d. Sebastião Leme, o arcebispo d. Duarte Leopoldo e o vigario de Apparecida do Norte. A milagrosa imagem, collocada no seu andor, seguiu entre alas de povo pela praça da Republica, rua Marechal Floriano, avenida Passos, rua Luiz de Camões até o largo de S. Francisco, sendo enthusiasticamente acclamada em todo o trajecto. No largo de S. Francisco, após a cerimonia da enthronização, celebrou-se a missa campal do programma de commemorações religiosas da visita da Virgem de Apparecida, officiando o arcebispo de São Paulo, d. Duarte Leopoldo.

O altar destinado á Santa foi armado no portico da igreja de São Francisco de Paula, ahi se realizando o officio religioso, cuja belleza liturgica profundamente commoveu a toda aquella gente fervorosa que enchia o largo e se derramava pelas ruas adjacentes. As photographias que estampamos aqui offerecem aspectos bem expressivos dessa parte das festas catholicas de domingo ultimo. Vêem-se a multidão no largo de São Francisco, antes, durante e após a chegada ali da imagem venerada; o andor de Nossa Senhora ao ser retirado do carro que o trouxera da Central para o altar da porta da igreja de S. Francisco de Paula; um detalhe da celebração da missa campal, apparecendo ao lado do altar o lábaro de Nossa Senhora da Apparecida; e, por fim, o revmo. padre Henrique de Magalhães, vigario da Candelaria, falando ao povo, da escadaria da igreja de São Francisco de Paula, emquanto se celebrava a missa.

A triumphal procissão de Nossa Senhora da Conceição Apparecida sahiu da Cathedral Metropolitana alguns minutos depois das 14 horas de domingo passado e foi, indiscutivelmente, a parte mais bella das imponentes festas daquelle dia e uma eloquente e commovedora demonstração de fé por parte do povo carioca, que veiu, em massa — homens, mulheres e crianças — assistir á passagem da gloriosa imagem pelas ruas do centro urbano, ou acompanhal-a até a esplanada do Castello, onde seria, mais tarde, victoriosamente coroada a Padroeira do Brasil. Junto ao andor da Virgem Divina, precedido de todas as associações religiosas do Rio de Janeiro e de representantes do clero regular e secular, iam o arcebispo de São Paulo, o núncio

apostolico e monsenhor Gonçalves de Rezende, que não occultavam a sua emoção deante das sinceras manifestações da alma popular. Formavam a guarda de honra do automovel conduzindo a imagem os vultos de maior destaque da nossa sociedade, que ostentavam casaca ou frack. O cardeal-arcebispo tambem tomou parte no sumptuoso cortejo, acompanhado de todos os prelados que com sua eminencia organizaram o esplendor da coroação da Padroeira do Brasil. Os aspectos photographicos que estampamos nestas duas paginas foram tomados em frente á Cathedral Metropolitana, na praça Quinze de Novembro e na rua Primeiro de Março, quando a imagem de Nossa Senhora da Conceição Apparecida ainda ali se encontrava e já o immenso cortejo sagrado attingia a esplanada do Castello.

Grandiosa é, sem duvida, esta visão apotheotica, majestosa, de demonstração de fé catholica, offerecida, nesse espectaculo de estupendo fulgor, domingo ultimo, por occasião da coroação de Nossa Senhora da Conceição Apparecida, Padroeira do Brasil. Aqui, se vê a esplanada do Castello, onde outrora se erguia a collina historica, de immorredoura tradição. A' circumstancia da cerimonia religiosa se ter realizado nesse local, amplia, augmenta de vulto a majestade de que ella se revestiu. Não está ahi somente o povo carioca, tão fervoroso que é nas suas provas de religiosidade: — centenas de fieis, vindos dos mais longinquos recantos do paiz, ahi se comprimem, contrictos e humildes, em devoção á Santa Apparecida, hoje Nossa Senhora da Conceição do Brasil. Sente-se que elles, como bons patriotas, fazem votos para que a Virgem milagrosa abençõe e guie, por um caminho de felicidade, os destinos da Patria querida.

A CONSAGRAÇÃO DA PADROEIRA DO BRASIL

A procissão de Nossa Senhora da Conceição Apparecida na avenida Rio Branco. Vêem-se, ahi, as filhas de Maria com os seus estandartes e os seus trajes brancos, que deram uma nota de candura ao bellissimo cortejo religioso de domingo á tarde.

O governo provisorio da Republica e corpo diplomatico, as classes armadas, a sociedade carioca, estavam representados pelos seus elementos de maior destaque na ceremonia da coroação de Nossa Senhora Apparecida, Padroeira do Brasil. Além do dr. Getulio Vargas e sua exma. esposa, viam-se na tribuna official, junto ao altar onde foi collocada a imagem da Virgem, na esplanada do Castello, ministros de Estado, diplomatas, o chefe de policia, altas patentes do Exercito e da Marinha, figuras do «grand-monde»... Toda uma assistencia de «élite», que prestigiou a grande tarde christã da esplanada do Castello. Foi uma nota que commoveu profundamente o cardeal d. Sebastião Leme. Sua eminencia não procurava esconder a satisfação que sentia por esse facto, tão altamente expressivo do sentimento catholico do Brasil, e que a nossa pagina focaliza amplamente em dois eloquentes detalhes photographicos.

A pontifical de sabbado

Precedendo a grande festa religiosa de domingo, em louvor á Virgem Apparecida, celebrou-se sabbado pela manhã, na Cathedral Metropolitana, a solenne missa pontifical em que o Brasil catholico foi, expressiva e tocantemente, consagrado a Nossa Senhora da Conceição Apparecida, Rainha e Padroeira da nossa terra. A imponente cerimonia teve como officiante sua eminencia o cardeal-arcebispo d. Sebastião Leme, que foi acolytado por varios sacerdotes, figuras de destaque do clero brasileiro. Além de d. Bento Aloisi Masella, nuncio apostolico, e de todos os prelados então nesta capital, compareceram á cerimonia, que se revestiu de pompa invulgar, as altas autoridades da Republica e representantes de todas as classes sociaes. Serviu de mestre de cerimonias monsenhor Francisco de Assis Caruso, secretario geral do Arcebispado, que esteve á altura de sua nobre missão. Sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, após a missa, procedeu á leitura da fórmula de consagração a Nossa Senhora, lançando, em seguida, a benção papal sobre os fieis presentes á solennidade e sobre o resto do Brasil. Esta pagina focaliza dois detalhes da pontifical de sabbado ultimo, vendo-se, ao alto, o cardeal d. Sebastião Leme, e, em baixo, o representante de Sua Santidade, d. Aloisi Masella. S. ex. rev.ma. d. Benedicto de Souza, bispo do Espirito Santo, proferiu bellissima oração na missa pontifical.

Sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme cercado pelos revmos. bispos e arcebispos presentes á missa pontifical celebrada sabbado pela manhã, na Cathedral Metropolitana.

"CONSOLATRIX AFFLICTORUM"

"Senhores, na hora em que mais tremenda vae a luta, na hora em que o coração mais sente vacillar, na hora em que parece que vae se extinguir a vida, a Mãe de Christo, a Mãe do autor da vida, presente ante os nossos olhos, está a nos dizer: "Por que desfallecer, si eu sou a Mãe da vida?"

Nas horas de amargura, nas horas de tristezas, quando, senhores, aquelles que não têm fé pensam em cortar o fio de sua existencia, ah! apresenta-se a imagem de Maria Santissima ao lado da cruz, na hora em que o seu Filho ia dar a vida pela Humanidade! Isso, senhores, traz para o nosso coração a sensação de uma doçura ineffavel, de uma doçura que se não descreve, por sabermos que, orphãos nesta terra, atribulados aqui, sentimos ter uma Mãe que nos foi dada no alto do Calvario! E é a doçura que repara a amargura desta vida!

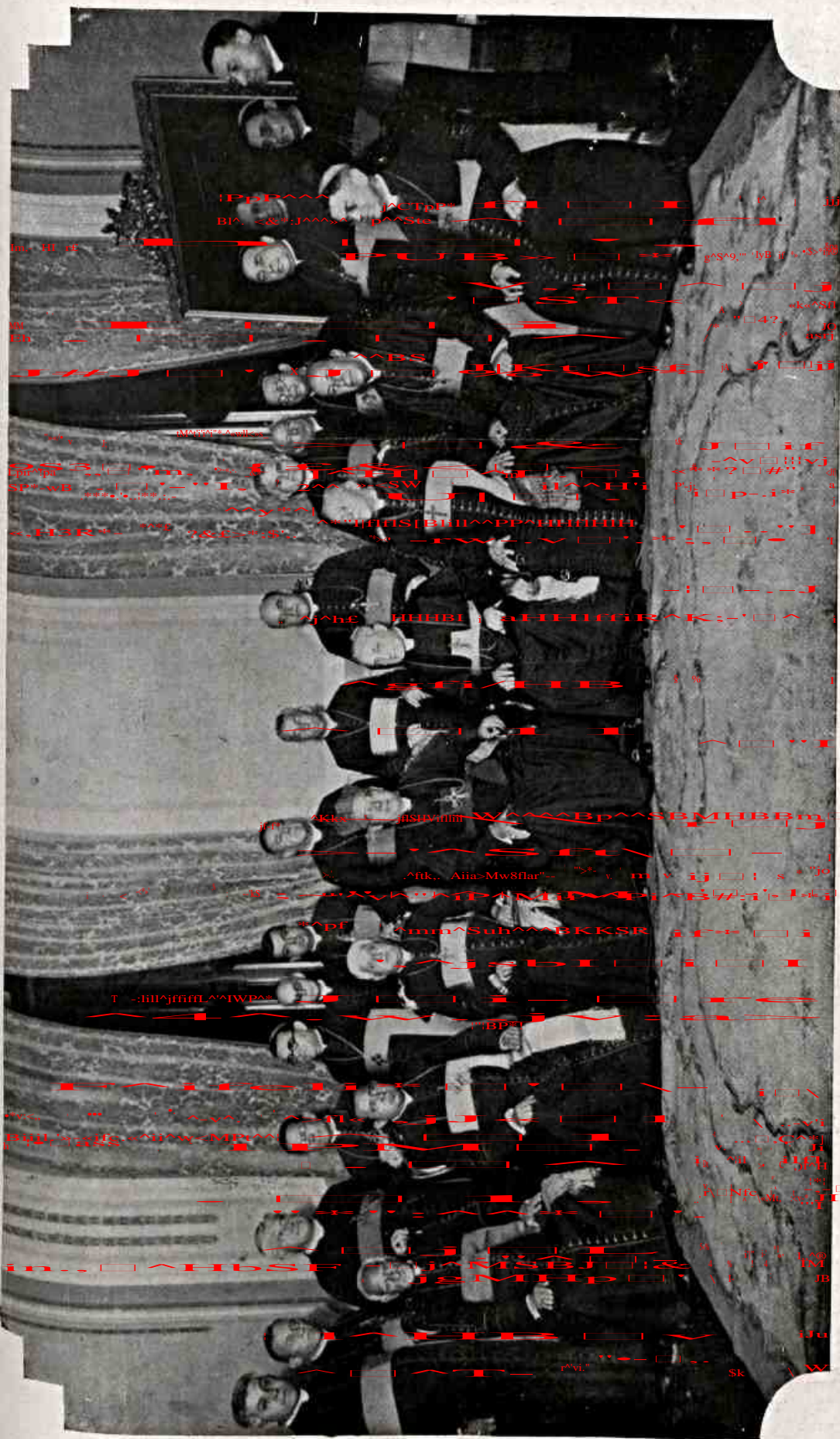
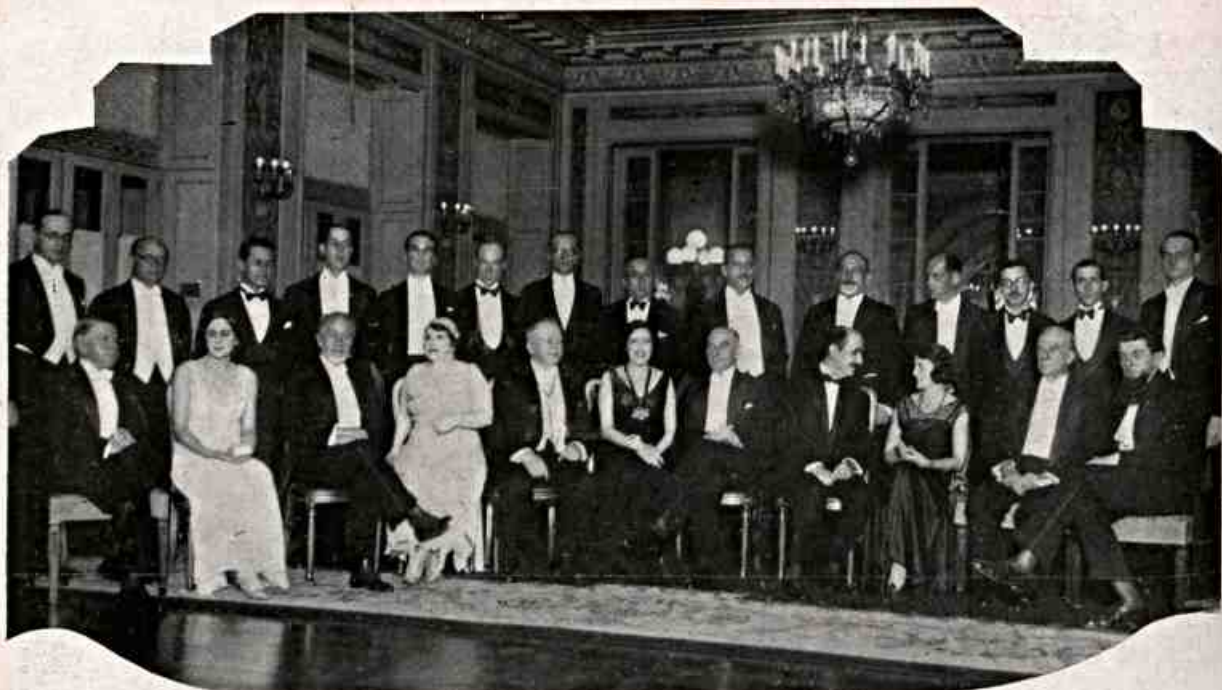
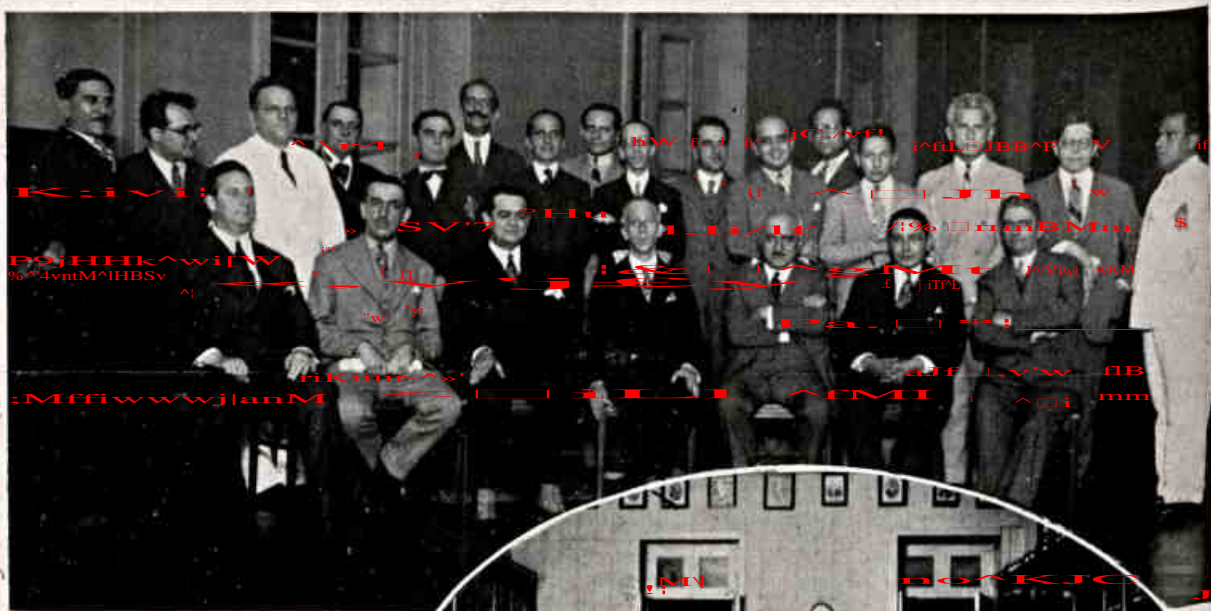
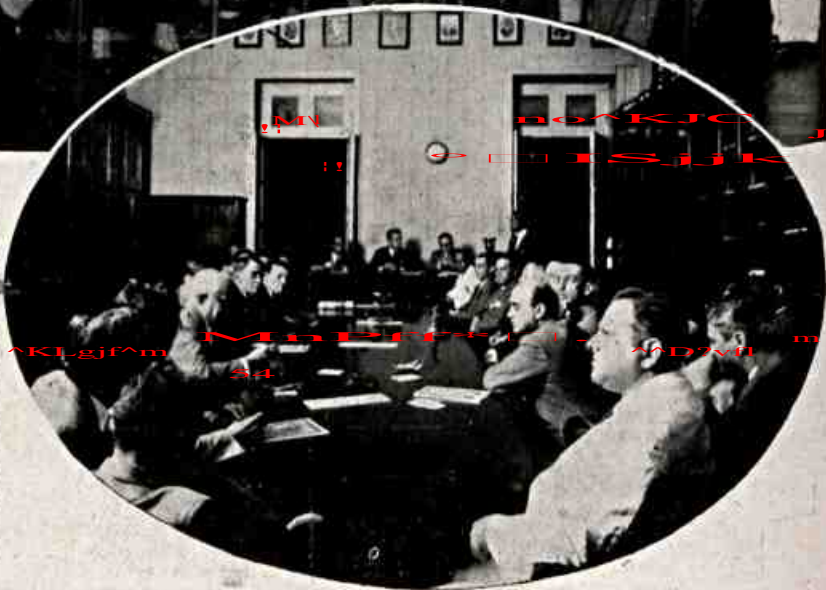
"Vida e doçura!"

Vida que nos purifica! Doçura que nos alenta! E tudo está resumido nesta ultima phrase: — "Esperança nossa! Salve!"

(Excerpto do discurso de d. Benedicto de Souza, na missa pontifical de sabbado, na Cathedral).

A tribuna destinada ao clero, na Cathedral, durante a pontifical de sabbado.

Os revmos. padres redemptoristas da igreja de Santo Affonso proporcionaram uma brilhante e memoravel noite religiosa aos seus parochianos com a sessão solenne da «Semana Archidiocesana» que se realizou naquelle templo da rua Major Avila, sexta-feira penultima. Presidiu á cerimonia sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, que se achava ladeado pelo nuncio apostolico, d. Aloisi Masella, e varios representantes do episcopado brasileiro. Falaram monsenhor Antonio Gonçalves de Rezende, o dr. Jonathas Serrano, o operario Mario Michelotto e, por fim, o bispo do Espirito Santo, d. Benedicto de Souza, que exaltaram, em brilhantes orações, a gloria da religião catholica através das idades. E' um flagrante dessa solennidade o que representa a photographia acima.

As crianças vestidas de anjo que, dispostas em torno do altar armado na esplanada do Castello, espargiram flores sobre a imagem de Nossa Senhora da Conceição Apparecida, na hora da coroação da Padroeira do Brasil.

Sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme reuniu segunda-feira á tarde, no palacio São Joaquim, o representante do Summo Pontifice, d. Bento Aloisi Masella, e os prelados brasileiros que assistiram ás cerimonias da coroação de Nossa Senhora Apparecida, para agradecer-lhes a cooperação que emprestaram ao fulgor dessas homenagens excepcionaes á Padroeira do Brasil. Em seguida, o chefe da Igreja Brasileira convidou os bispos e arcebispos presentes para uma visita ao chefe do governo provisorio da Republica, dr. Getulio Vargas, a quem iriam levar a gratidão do clero nacional pelo comparecimento de s. ex. e seus ministros de Estado á solennidade religiosa de domingo ultimo, na esplanada do Castello. Na gravura desta pagina apparecem o cardeal-arcebispo e o nuncio apostolico entre os demais antistites convocados por sua eminencia.

O professor Julio Szymanski, eminente scientista polonez que actualmente nos visita, foi homenageado na penultima sexta-feira pela Sociedade Polono-Brasileira «Kozinsko», cujo conselho administrativo lhe offereceu um jantar no Automovel Club do Brasil, com a presença de illustres figuras da nossa classe medica.

O Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa, recentemente eleito, reuniu-se sabbado á tarde, sob a presidencia do conselheiro Alvaro Moreyra, para proceder á eleição da nova directoria, que deverá reger os destinos daquelle gremio de classe até Junho de 1933, quando estará terminado o seu mandato. A nova directoria da Associação Brasileira de Imprensa, cujos membros apparecem na primeira destas duas photographias, em companhia dos conselheiros presentes, ficou assim constituida: presidente, Herbert Moses; vice-presidente, João Mello; primeiro secretario, Costa Rego; segundo secretario, Nestor Guimarães; thesoureiro, Paschoal Ferrone; bibliothecario, Carlos Manhães; procurador, Edmir Pederneiras.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Seria uma sombra ou a realidade?

RESURREIÇÃO!

Um film da Universal baseado na obra prima do genial Tolstoi, representado por JOHN BOLES e LUPE VELEZ

NA Russia de outróra, na velha Russia rural de 1876, ao tempo em que imperava o absolutismo de Alexandre II e ainda se mantinham de pé todas as tradições do vasto e soffredor imperio dos czares. Por esse tempo, depois de ter feito o seu curso superior, voltava Dmitri para o seu longinquo recanto natal, o nobre solar onde os dias corriam sempre monotonos e onde o esperavam duas velhas e nobres tias, as princezas Marya e Sophya.

Dmitri Nekhludoff reviu a linda Katusha Maslova, cria da casa, orphã de pae e de mãe, e que era agora uma linda rapariga, viva e alegre, bôa, generosa e crente. Dmitri sentiu-se preso aos encantos da pequena. Ella, ingenua e pura, sem reflectir na diversidade de condições de ambos, deixou-se embalar naquelle sonho de amor, acreditando na possibilidade de uma ventura que viveria emquanto ella propria vivesse. E os dias para os dois corriam entre beijos e risos, não sem que a velha princeza Sophya temesse pelo fim daquella aventura de um nobre de puro sangue com uma simples e humilde criada.

As successivas cartas mandadas para S. Petersburgo, vieram, no emtanto, apressar a interrupção desse idyllio. A princeza Sophya agia, e a nova de ter, emfim, o principe Dmitri Nekhludoff sido admittido na famosa Guarda Imperial chegou mais cedo do que o teria desejado o principal interessado. A separação de Dmitri e de Katusha foi dolorosa. Elle jurou que jamais a esqueceria. Trocaram as cruzes que lhes pendiam do pescoço, emquanto Dmitri murmurava: «A tua imagem estará sempre commigo!»

Idyllio por capricho.

E Katusha, os olhos arrazados de lagrimas, viu o amado partir, certa, porém, de que elle nunca a esqueceria e que um dia poderiam realizar, emfim, aquelle lindo sonho de amor, nascido entre beijos e risos.

* * *

S. Petersburgo, a capital do imperio, centro de prazeres e de devassidão. Que era a celebre Guarda Imperial? Um corpo de nobres orgulhosos e pervertidos, que passavam as noites nos «cabarets» elegantes, entre rameiras de alto bordo e taças de «champagne». Dmitri, hesitante a principio, não tardou em se entregar de corpo e alma áquella vida de prazeres. Transmudou-se, habituou-se ao meio, manteve as «tradições» da Guarda.

Tempos passam. Dmitri é outro homem. Rompem as hostilidades na fronteira turca e a Guarda Imperial, chamada aos campos de combate, passa pela aldeia natal do joven official. Acampariam pouco além e Nekhludoff pernoitaria em casa. Katusha

A devassidão aristocratica.

sente o seio arfar. Vae, emfim, rever o amado. Esse momento de felicidade chega, mas a verdade é que Katusha sente como que qualquer modificação naquelle homem que era o seu enlevo, o seu senhor, a sua vida. Será porque elle veste uma farda? Não, ella não gosta de soldados! Será porque aquelle bigode, que elle agora usa, não lhe fique bem? Por que será?

Katusha não pode fugir á attracção. Dmitri já tem outras theorias em materia de amor. Katusha o amava e não seria difficil conquistar a praça indefesa. E chega o inevitavel e o mundo tem uma desgraçada a mais!

* * *

Os mezes para Katusha correm entre duvidas e ansiedades. Está gravida. A princeza Sophya descobre a verdade. Revolta-se e expulsa a infeliz. Não vence a intervenção da princeza Maria, que apenas pode dar á desditosa alguns rublos para as primeiras necessidades. O temporal ruge lá fóra. Katusha dirige-se para a estação. Um trem de tropas passa. Dentro delle, officiaes e mulheres riem, bebem e cantam. Dentro delle, tambem canta, ri e bebe o principe Dmitri Nekhudoff, emquanto, ao vento e á chuva, a sua victima tenta, desesperada, entrar para aquelle comboio que leva, feliz, o homem que lhe matára todas as illusões!

Sete annos se passaram. O filho de Katusha morrera. Que destino teve ella? O destino de todas as outras, o triste destino das que vendem o amor para viver! A Maslova soffredora passára na existencia do principe Nekhludoff como um simples incidente.

A sua imagem desfizera-se e apenas uma vaga recordação lhe ficára daquella noite em que, rumo á fronteira turca, manchára a pureza de uma virgem que se entregára confiante na sinceridade de um grande amor. Katusha! Katusha Maslova! Talvez o principe nem mais lhe soubesse o nome!

Um dia... Juizes implacaveis constituiam o tribunal que deveria julgar uma mulher accusada de ter envenenado o rico commerciante S m e l koff. Agira de cumplicidade com uma certa Euphemia Botchkova e Simon Kartinkin, dizia o processo. Desse tribunal, fazia parte Dmitri Nekhludoff. Essa mulher era Katusha Maslova. Protestava vehementemente pe'a sua innocencia. Não tardou que Dmitri a reconhecese. Dentro da sua propria consciencia um outro tribunal se formou para julgal-o e condemnál-o, implacavelmente. Dmitri teve remorsos. O seu dever era reparar o mal que praticára, era, no momento, salvar aquella creatura, elleval-a, tiral-a do abysmo a que a atirara.

Todos os esforços de Dmitri, no emtanto, foram inuteis. O jury reconheceu-a culpada e Katusha Maslova foi condemnada a trabalhos forçados na Siberia.

Nekhludoff, porém, não abandonaria a misera á sua propria sorte. Elle era o unico culpado. O seu dever impunha-lhe todos os sacrificios para rehabilital-a. Faria de Maslova sua esposa, obtida que fosse para ella a clemencia do czar.

A grande leva dos condemnados. Rumo á Siberia, rumo á terra do soffrimento, ao tumulo! Dmitri acompanhou-a, approximou-se della, confessou-lhe todo o remorso que lhe torturava a alma. Katusha ouviu-o sem recriminações. Pediu-lhe que retornasse. Ella seguiria o seu destino.

Na fronteira da Siberia, antes de iniciarem os desterrados a longa marcha para as minas de prata, Katusha foi chamada ao gabinete do commandante da praça. Dmitri esperava-a. Tinha para ella uma bôa noticia. A sentença que a condemnara fôra commutada em exilio. Era livre e poderiam, fóra da Russia, estabelecer um lar legitimo. Ajudal-a-ia a esquecer todos os seus soffrimentos. E interroga: «Não me queres mais, Katusha?» Ao que ella responde: «Amo-te, querido. Jamais me esquecerei de ti.» E accrescenta: «Volta para S. Petersburgo e aproveita a tua influencia para ajudares aos infortunados. Assim, Dmitri, serás feliz!» Dmitri insiste e Katusha pede-lhe que espere até o dia seguinte. Terá, então, uma resposta.

Não, ella não sacrificará o homem a quem ama. Partirá com as outras, soffrerá com as outras até que a morte venha, emfim, dar-lhe a paz e a tranquillidade.

Um sonho de amor que se desfaz.

Cantico de amor... sem palavras.

O CÃO DE BASKEVILLE

Da URANIA — Direcção de RICHARD OSWALD

Sir. Henry Baskeville, LIVIO PAVANELLI; Sherlock Holmes, CARLLYLE BLACKWELL; dr. Watson, GEORGES SEREFF; Beryl, BETTY BIRD; Stapelton, FRITZ RASP; Barrymore, o mordomo, VALY ARNHEIM

No velho Condado de Baskeville, na Inglaterra, corria a lenda, desde a Idade Media, de que, num certo terreno alagadiço da região, costumava apparecer, a horas mortas da noite, o phantasma de um cão que perseguia a familia dos Lords Baskeville. No decorrer dos annos, dois representantes dessa nobre estirpe haviam sido encontrados mortos no referido pantano e, sobre a physionomia dos cadaveres, notados estigmas de horroroso aspecto. Certo dia, foi o ultimo Lord quem, mysteriosamente, succumbiu ao poder assassino do

Encontrára-a, finalmente!

Uma armadura mysteriosa.

terrivel cão phantasma. O dr. Mortimer, medico do castello e amigo particular do fallecido, dirige-se ao celebre detective londrino Sherlock Holmes e pede-lhe para decifrar tão curioso enigma. O arguto policial declara-se prompto a despachar seu joven amigo e collaborador dr. Watson, com destino a Baskeville. A chegada do dr. Watson ao lendario castello coincidiu com o regresso de Sir Henry Baskeville, herdeiro directo do respectivo titulo nobiliarchico, e que volvia de uma viagem ás colonias inglezas. O dr. Watson inicia, desde logo, as suas pesquisas, ansioso por derramar um pouco de luz sobre as densas trevas que envolviam o caso mysterioso. No castello e nas suas immediações, elle se encontra com as seguintes pessôas: primeiro, o estranho, reservado e quasi timido Barrymore, mordomo do velho solar, e sua esposa, exotico typo de mulher, de faces pallidas e desfiguradas. A seguir, o sr. Stapelton, proprietario vizinho e figura esquisita de solitario, cujo unico prazer consistia em andar á caça de borboletas, e, por fim, a linda e joven Beryl, pupilla de Stapelton, com a qual o dr. Watson trava conhecimento, em circumstancias particularmente dignas de attenção.

Varias e difficeis observações despistam o joven doutor, pois Baskeville é um logar cheio de mysterio e de pavor. Durante a noite, tem-se a impressão de que o castello é habitado por duendes. Do lado do terreno alagadiço, proximo ao velho solar, ouvem-se gritos esquisitos e uivos sinistros e lugubres. A bem dizer, o dr. Watson parece ver um animal de proporções immensas, com olhos faiscantes, que, movendo-se, dá estranhos saltos dentro do paul. Os vestigios de suas patas apresentam nitida semelhança com os das patas dos cães gigantescos. Certa vez, um desconhecido atravessa-se á frente do dr. Watson, na enorme escuridão do pantano, mas em vão o joven detective tenta agarrar o fugitivo. Não conseguindo fazer luz sobre esta apparição, fica o dr. Watson preoccupado com a sorte de Sir Henry, cuja vida está sob a sua guarda e sobre quem parece ver imminente o perigo ameaçador. Afinal, que havia de verdade com relação ao estranho "Cão de Baskeville"? Entretanto, Sherlock Holmes não perde tempo nem se desinteressa do curioso assumpto. Mais uma pessôa, nesse dia, perde a vida nas garras do cão phantasma, sem comtudo ser Sir Henry, sobre quem o golpe deveria ter sido desferido. Finalmente, Sherlock Holmes consegue desvendar o mysterio, na occasião em que, lutando com o supposto animal phantasma, encontra o terrivel criminoso que insuflava o animal, que educara especialmente no proposito de eliminar todos os Baskeville, a cuja fortuna aspirava, por ser, sem que ninguem o soubesse, tambem da mesma familia. Esse monstro era, nada mais nada menos, o proprio Stapelton, que, por signal, quando foi preso, procurou matar Beryl, que, apaixonada por Sir Henry, se negava a attender aos seus desejos de amor...

Resolvido o mysterio.

HEMORROIDAS
De que serve
a vida embora
no conforto da
abastança, mas
com este horrivel
soffrimento?!...
ISRAEL
POMADA ADRENO STYPTICA
SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS
MIDY

UM ESCANDALO SOCIAL

A mãe e suas duas filhas regressam de um baile. Emquanto bebem uma chavena de chá, bordam os commentarios de rigor. A conversação marcha um pouco sem interesse até que, de repente, se anima e adquire relevo e colorido.

A mãe. — A festa esteve bôa, embora vocês não demonstrassem comprehendêl-o assim.

Helena. — Divertimo-nos, como sempre.

Beatriz. — Nunca dancei tanto como esta noite.

A mãe. — Tu, sim. Dançaste e até vi que rias gostosamente. Mas tua irmã...

Helena. — Eu tambem dancei.

A mãe. — Mas não sempre, nem com todos. Tres vezes, por exemplo, Hardoy, inutilmente, te foi tirar.

Helena. — Eu já tinha dançado com elle. E' que só queria dançar commigo. Por isso, preferi ficar sentada.

A mãe. — Sabias que assim me contrariavas.

Helena. — Peço-te que me perdôes, mãe, si te contrariei.

A mãe. — Sabes quaes são meus projectos.

Helena. — E tu conheces minha opinião.

Beatriz. — Seria melhor que fossemos dormir, mamãe.

A mãe. — Não. Prefiro que continuemos tratando do assumpto. Tua irmã está empenhada em contradizer-me e eu devo pôr as coisas em seu logar. Vocês bem sabem, porque ha muito deixei de occultar-lhes a verdade, qual é nossa legitima situação.

Helena. — Pois bem, mamãe: com Hardoy não me casarei.

A mãe. — Por que?

Helena. — Porque não quero!

A mãe. — Mas isso não é razão.

Helena. — Mamãe, por favor! Tu foste de minha idade. Pedias razões a teu coração, procuravas explicação a teus sentimentos quando tinhas vinte e dois annos?

A mãe. — Não é meu modo de pensar de então o que me interessa, mas minha obrigação actual como mãe.

Beatriz. — E' natural, e nós respeitamos tua preoccupação; mas, deves tambem levar em conta que ao coração...

A mãe. — Não se deve forçar, não é assim? Conheço o argumento, e é possivel que, quando tinha a idade de vocês, me convencesse. Mas, com meus annos e a responsabilidade que pesa sobre meus hombros, se pensa de outra maneira e se está em condições de dizer que se póde fazer calar o coração.

Beatriz. — Estás dizendo disparates!

A mãe. — Póde-se mandar calar o coração, o que não se póde fazer com o estomago. E' isto! Obrigaram-me, afinal, a dizêl-o!

Helena. — De maneira que devo acceitar esse homem?...

A mãe. — Porque é essa a unica maneira que encontrei para fugirmos á penuria, á miseria.... Seria um grande casamento para ti, Helena, comprehende-o, e a affirmação de tua irmã em sociedade, onde, eu muito me engano, ou já cheiramos a pobreza, que é o peor que nos poderia acontecer.

Helena. — De maneira que meu casamento com Hardoy seria, nada mais nada menos, do que um negocio?

Beatriz. — Mamãe! Ora!

A mãe. — Não adeantam phrases impressionantes, porque a unica coisa que conseguirás com isso é enervar-te ainda mais, sem convencer-me.

Helena. — Mas não devia ser necessario convercer-te. Tu é que não devias collocar-me nesta situação. Na situação, de uma simples coisa, sem alma e sem vontade!

Beatriz. — Não te exaltes, mana. E tu, mamãe, deixa para amanhã, para outro dia, esta discussão. Já é muito tarde. Estamos cansadas e isto só serve para nos aborrecer ainda mais.

A mãe. — Não. Esperei muito na doce illusão de que tua irmã se resolvesse a concordar.

Helena. — Mas, é tanta nossa miseria, que deva eu sacrificar-me, que deva aniquilar minha vida? As aspirações de Beatriz e as minhas foram sempre modestas, sobretudo depois que soubemos que nossa situação não era folgada... Deixa que eu, tambem, encontre em meu caminho o homem que o destino me reservou, como o encontraste tu, como o encontram todas as mulheres na vida.

A mãe. — Quando teu pae morreu, já ficámos na miseria, tal eram a complicação e desordem que elle deixou em seus negocios. E, não fossem as minhas habilidades, nem sei o que teriamos

Fazendo

O casamento é o sonho de todas as moças; mas, por maior que seja a paixão que tenha a noiva pelo seu eleito, o sonho feminino não se limita a possuir um esposo, ser a senhora e dona do seu coração.

O sonho do casamento inclue tambem a constituição material de um lar; o arranjo de um ninho muito elegante e muito confortavel onde o amôr encontre o ambiente necessario para não enfastiar e para não banalizar-se.

Já se foi o tempo — se é que algum tempo houve — em que a mulher enamorada aspirava apenas "o teu amor e uma cabana". Hoje toda gente sabe que ella aspira, em vez disso, "um Bungalow" em Copacabana.

Isso, aliás, não tira ao amôr nada do seu encanto, a menor parcella de sua magia; ao contrario, o conforto e a elegancia de um interior intelligentemente arranjado convidam a ficar-se em casa, gosando as delicias de um *tête a tête*.

Nem se diga que para isso é hoje necessario muito dinheiro;

De Ernesto E. Marchese

passado! Ainda consegui arrancar alguma coisa ás garras dos credores, mas tão pouco, que já se acabou.

Beatriz. — E por que deixou papae dessa fórma os seus negocios?

A mãe. — Porque a morte o surprehendeu quando elle se sentia ainda cheio de energias e ambições.

Beatriz. — E tambem porque lhe exigias mais do que elle te podia dar.

A mãe. — Como te atreves a dizer-me isso? De onde tiraste essas idéas?

Beatriz. — De coisa alguma e de tudo. Vi-o, então. Comprehendo-o, agora.

A mãe. — E mesmo que assim fosse. No peor dos casos, eu não teria demonstrado outro desejo si-não o de deixál-as bem no mundo.

Helena. — Mas nós nos conformamos com a modesta condição que nos corresponde. Com menos ainda.

A mãe. — Pois então, apesar de vocês, contra vocês, hei de conseguir o meu proposito.

Beatriz. — Ao preço que pretendes? Não! Si preciso vestir, si preciso comer graças ao sacrificio de minha irmã, desde já renuncio a uma e outra coisa, porque ambas me repugnariam.

A mãe. — Que objecção pódes fazer contra Hardoy?

Helena. — Nenhuma e todas. Elle não me agrada, não me interessa, não me serve. Ha muitos annos que o conheço e continúa para mim tão desconhecido como o individuo com quem cruzamos na rua e a quem nem siquer olhamos.

A mãe. — E' fino, é educado, é elegante, e intelligente, preparado e joven.

Helena. — E rico.

A mãe. — Muito rico. O que seus paes lhe deixaram constitúe uma fortuna... Um marido, emfim, que faria felizes a muitas de nossas mais bellas e opulentas mulheres de sociedade... Por outro lado, não é um burguez destacado, porque seus paes e seus avós foram figuras sociaes de primeira fila.

Beatriz. — Nada disso deixa de ser verdade. Mas, si Helena não vê nelle o homem com quem deve unir-se para toda vida, acho que não devias insistir mais.

A mãe. — Estou no meu papel; devo e irei até o fim.

Helena. — Tu o dizes com a tranquillidade de uma heroina, e, no emtanto, o que dizes é indigno.

A mãe. — Julgado por ti, sim.

Helena. — E para isso me creaste, para isso me educaste como a uma...? Ora!

A mãe. — Como a uma que? Termina!

Helena. — Sim. Como se cria um exemplar de *pedigree*. Um cavallo ou um animal qualquer, limpo e bem alimentado, para depois expôl-o ao publico e entregál-o ao melhor comprador. Oh, que nojo! Que horrivel, que infame é isto!...

Beatriz. — Basta, mamãe! Não tens direito, entendes? Não tens direito de dispôr assim de minha irmã. Não tens direito, embora sejam infinitos os direitos da mãe... Vamos, Helena: vem deitar-te!

A mãe. — Amanhã, voltaremos ao assumpto. Espero ver-te mais razoavel. Razoaveis as duas. Bôa noite!

Ficando sós, Helena e Beatriz se abraçam.

Helena. — Vês, Bebe? Isso é uma mãe? E' uma mãe?

Beatriz. — Tranquilliza-te, irmãzinha... Chora, desabafa teu coração, mas não penses mal de mamãe. Ella está errada, mas seus intuitos são os mais bem intencionados.

Helena. — Olha: antes de acceitar sua imposição!...

Beatriz. — Que?

Helena. — Não sei! Mas qualquer coisa!

Beatriz. — Escuta: não te casarás com Hardey.

Helena. — Hein?

Beatriz. — Não te casarás com Hardey. Eu te asseguro!

* * *

No dia seguinte, Beatriz, a irmã mais velha, sahiu. Ao meio dia, ainda não havia regressado. Horas depois, a criada que a acompanhava volta com uma carta. Esta dizia:

"Perdão, mamãe. Perdão, Helena. Parto com o homem que amo. Este passo que dou produzirá o que se chama um escandalo social. Mas, bemdito seja elle, que me permitte cumprir a promessa que te fiz, Helena. Não me agradeças muito o que faço por ti, porque tambem o faço por mim. — *Beatriz.*"

NOTAS DE ARTE

OSCAR D'ALVA

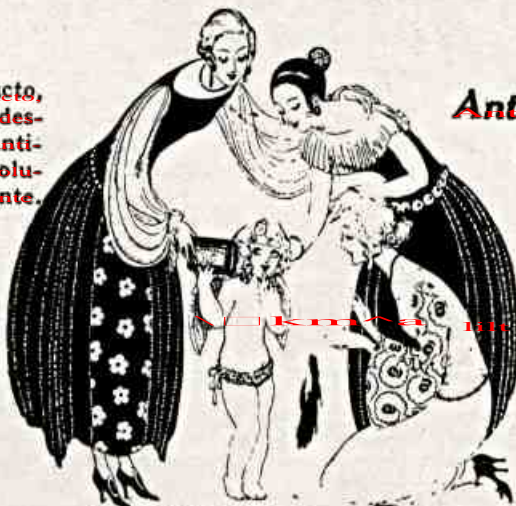
ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO. — *Symphonia em si menor*; de Schubert: *Bolero*, de Ravel; *Mestres Cantores* (Abertura), de Wagner; — peças só para orchestra; e *El Amor Brujo*, de Falla, para canto e orchestra; *Concerto*, de Saint-Saens, para piano e orchestra: eis o programma que a Philarmonica do Rio de Janeiro, sob a regencia de Burle Marx e com o concurso da cantora sra. Antonietta de Sousa e do pianista Souza Lima, executou no Theatro Municipal, em a noite de 28 de maio.

Naturalmente enthusiasmado pelo exito da estréa, o publico correu pressuroso á nova festa musical. O T. M. estava quasi cheio. Foi mais uma linda noite de arte.

Burle Marx deu especial realce a todos os numeros; mas, talvez pela natureza da partitura, pareceu-nos que mais sobresahiu no *Bolero* de Ravel, em que o auditorio ficou verdadeiramente arrebatado pela frescura e originalidade da composição, e pelo movimento, pelo calor, pela vida que lhe imprimiu o regente.

D. Antonietta de Sousa não produziu a impressão que era de esperar, devido naturalmente á funcção da cantora em *El Amor Brujo*. A voz figura na peça, como simples instrumento de orchestra. Ainda assim notamos-lhe a correcção com que se conduziu. Assignalamos entre os pequenos trechos cantados, como o mais agradavel — *Las campanas del amanecer*.

Souza Lima confirmou mais uma vez todos os seus reconhecidos meritos de grande pianista: Viveu com muito brilho todo o *Concerto* de Saint Saens; e esteve acima de qualquer elogio no *Allegro*, que foi ruidosamente bisado. Em extra reproduziu com o mesmo primor a *Dança de negros*, de Francisco Namon, que lhe ouvimos no seu recital deste anno.

Nunca é demais louvar o esforço de Burle Marx reunindo tantos elementos de valor para realizar os bellos concertos da Philarmonica. Que formem elles com os da Sociedade de Concertos Symphonicos, regidos por Francisco Braga e com os que se poderiam constituir sob a regencia de Joanidia Sodré, uma triade orchestral que torne o Rio um grande centro de musica symphonica, onde fulgurem, com o brilho proporcional ao talento e á cultura de cada um, aquelles e outros regentes, que forem surgindo para maior gloria do Brasil musical.

HENRIQUE OSWALDO. — Ainda em homenagem ao grande compositor brasileiro Henrique Oswaldo, realizou a A. B. M. no T. M. em 26 e 30 de maio, dois concertos, onde se ouviram exclusivamente as obras do homenageado: *Quintetto*, op. 18, para piano, 2 violinos, viola e violoncello, executado pelas senhorinhas Maria Amelia de Rezende Martins, Paulina d'Ambrosio, Zoe Monteiro e pelos srs. Arthur Strutt e Alfredo Gomes; *Ofelia*, poemeto lyrico, cantado pela sra. Antonietta de Sousa, acompanhada ao piano pelo sr. Mario de Azevedo; *Rêverie*, *Estudo em dó menor*, *Sur la place*, *Idylle*, *Pierrot*, *Tarantella*, op. 14, peças para piano, interpretadas por Souza Lima; *Symphonia*, *Preludio e fuga em ré menor*, 4.º *Nocturno* e *Festa*, composições para orchestra e *Concerto* op. 29, para violino e orchestra, interpretadas pela Orchestra do Centro Musical, sob a regencia de Francisco Braga, com o concurso do solista Oscar Bogerth.

Enganámo-nos quando em chronica anterior dis-

semos que da H. O. se podia dizer que compunha pouco mas bem: *pauca sed bona*. A verdade é outra. O nosso patricio tem muitas e bôas composições: *multa et bona*. Prova do conceito foram as obras ouvidas, em que destacamos, pelas bellezas proprias e pela mestria das interpretações, o *Molló adagio* do *Quintetto*, o *Estudo em dó menor*, o *Scherzo* da *Symphonia*, o *Adagio*, do *Concerto* e *A Festa*, poema este cheio de frescuras sonoras, que enlevam, que emparadizam os ouvintes. Não sabemos se illusão acustica, mas o certo é que ouvimos na *Symphonia* e na *Festa* rythmos de dança, que nos despertaram emoções semelhantes ás do *Bolero* de Ravel.

O poema *Ophelia*, que tanto nos agradou cantado pela senhorita Alcinha Ricardo, não nos deu a mesma impressão, interpretado pela sra. Antonietta de Sousa. E' possivel resulte a differença da nossa insufficiencia em saber ouvir: enlevados pela doçura de timbre da voz da primeira, não nos apercebemos da arte de cantar da segunda cantora. Como quer que seja, assim sentimos e assim dizemos, sem autoridade mas com franqueza.

Nos intervallos de cada concerto, H. O. foi alvo de repetidas e calorosas ovações, que gentilmente repartiu com todos os seus interpretes.

ARTHUR RUBINSTEIN. — Com a mesma excepcional bravura, com o mesmo sentimento expressivo que já lhe notámos, e ás vezes com as imperfeições resultantes dessas qualidades, Arthur Rubinstein encantou e empolgou o auditorio do T. M. nos tres ultimos concertos realizados em 21, 24 e 27 de Maio. Além dos numeros e costumado *extra*, foram executados estes programmas: I) BACH TAUSIG — *Toccata e fuga em ré menor*; BRAHMS — *variações e fuga* (thema de Haendel); RAVEL — *O valle dos Sinos*; DEBUSSY — *Ministrel*, *Homenagem a Rameau*, *Peixes dourados*; FALLA — *Dança da moleira*, *D. do medo*, *D. do Fogo*; CHOPIN — *Ballada em lá bemol*, *Mazurka*; LISZT — *Funeraes*; SCHUBERT — *Marcha Militar*. — II) BEETHOVEN — *Sonata op. 31*; CHOPIN — *Scherzo em si menor*, *Berceuse*, *Valsa em lá bemol*, *Polonesa op. 44* (tragica); PROKOFIEFF — *Visão fugitiva*, *Marcha* (o amor das 3 laranjas); SCRIABINE — *Nocturno para a mão esquerda*; SZYMANOCOSKI — *Mazurka*; ALBENIZ — *El Albaicin*, *Lavapies* — III) CHOPIN — *Polonesa*, *Preludio*, *Fantasia* — *Improviso*; LISZT *Grand Sonata*; DEBUSSY — *Preludio*, *Movimento*; FILIP LAZAR — 1.ª *Suite*: *Berceuse*, *Les buveurs*, *Danse*, *Au bord de la Bistritza*, *Chair a boeuf* FALLA — *Farruca*; ALBENIZ — *Malaga*.

Entre os numeros onde mais brilhou a virtuosidade invulgar do grande pianista, assignalamos *Homenagem a Rameau*, de Debussy, as *Danças* de Falla, *Marcha militar*, de Schubert, *Valsa em lá bemol*, de Chopin, *Marcha*, de Prokofieff, *Nocturno*, de Scriabine, *Sonata*, de Liszt, *Farruca*, de Falla, e acima de tudo *Funeraes*, de Liszt, onde o artista attingiu a cimos quasi inaccessiveis. O esplendor com que viveu a peça do maior pianista de todos os tempos, as catadupas sonoras que arrancou do teclado, fazendo o piano resoar com a imponencia e a magestade das fanfarras militares, foi de excepcional belleza. O publico não se conteve, e irromperam com as palmas, repetidos bravos...

Duvida

Gilberto

PELA decima vez, Luiz Ambrosio rasgava a folha lilaz em que escrevia. Por mais esforço que fizesse, o seu cerebro embotado, naquella tarde morna e somnolenta, se recusava a fornecer-lhe idéas para uma epistola de rompimento. Os cigarros se succediam; as espiraes partiam azues e arabescamente caprichosas, perdendo-se no vazio do espaço; a penna deslisava sobre o papel graphando palavras incoherentes, que eram, em seguida, atiradas ao chão lustroso do pequenino e lindo gabinete. Por fim, já fatigado daquelle esforço, conseguiu alinhar, em letras tremulas, as seguintes phrases:

"*Iracema* — E's volúvel e má, como todas as mulheres. Hontem á noite, pude surprehender-te em pleno colloquio amoroso com um outro homem, fugindo, desse modo, vergonhosamente, ao cumprimento da tua palavra. Não me esperavas, bem sei. E, como sabes, não interrompi o teu idyllio. Deixei que gozasses o affecto, que, por certo, apreciavas. O meu modo de pensar não me dá o direito de roubar o quinhão da felicidade alheia. Ella é composta de fragmentos, e eu não quiz usurpar um retalho da tua...

Pelo exposto, bem vês, entre nós já nada existe de commum. Rasgou-se, abruptamente, o nosso contracto de casamento. O sello da união que nós nelle applicámos, numa noite enluarada e balsamica, sob um caramanchel branquinho, onde os myosotis sorriam feiticeiros e compromettedores, não é mais que uma estampilha desvalorizada e fóra do presente. E' um excrescimento que caducou. Delle ficou-me, apenas, a experiencia amarga do quanto valem os caprichos das doidivanas como tu. Uma affeição de menos, uma desillusão a mais! — eis tudo que me resta de ti. O amor, esse sentimento sublime e lindo, que não comprehendes e não sabes o que seja, é por demais egoista para permittir partilhas. As suas azas crestam-se muito facilmente ao calor de labios estranhos. Elle tomba anniquilado, esmagado, si o coração que lhe deu guarida não o soube alimentar. E quando a vaidade ou a inconstancia o prostra, elle passa a habitar um velho casarão em ruinas, que se chama descrença. Somente a saudade, deusa dos tristes e dos desconsolados, o ampara e o anima. Vê-se abandonado da alegria, o pobresinho, sem conforto si sem enthusiasmo. E, num resto de alento, elle, orgulhoso e casto, sentindo-se humilhado com a deturpação da sua grandeza, ruma a vj. célere ao coração que o soube immacular. Passa a viver, numa reclusão de freira, no coração que mais amou. E assim é que elle me veiu pedir pousada, morando no chão raso dos meus dias nús, sob o beiral amargurado das recordações de outrora.

Que sejas feliz ou o inverso dessa significação, figura-se-me indifferentemente. E's, no meu conceito, tu que foste a senhora absoluta dos meus pensamentos de todos os instantes, uma creatura indigna de um affecto grande e leal, como o meu. E's uma folha que a rajada atirou ao solo transformada em lôdo. E aquella que hontem deu sombra e agazalhou ninhos alegres, hoje dá nauseas e alimenta os vermes.

Não te quero mal e não te odeio. O mal só pode desejar o individuo máo. E eu não o sou, tenho a certeza disso. O odio só se tributa a quem o merece: é um sentimento nobre e forte como o amor puro. E tu não fazes jús a elle. Serás, doravante, uma folha

desfeita

Veiga

em branco no livro negro do meu destino, onde porei uma interrogação para, nas horas que me forem mais amargas, nas noites que me pareçam mais longas, abril-o e recordar que vives e que... enganas a outro. — *Luiz.*"

* * *

Levantara-se com o suor a brotar-lhe da fronte em grossas bagas. E chegando á janella viu, lá em baixo, a vida na vertigem diaria, na correria doida dos automoveis e na pressa dos transeuntes. O papel tremia-lhe nas mãos humidas. Releu a carta que lhe custára uma exhaustão. Em seguida, dobrou-a, sobrescripteu-a e premiu o botão de uma campainha, que resoou nervosa e estridente na sala contigua. Lesto, se apresentou um rapazola, de "bonet" á mão.

— Leva immediatamente esta carta ao seu destino!

O criado partiu rápido como uma flecha e elle, como petrificado, o olhar perdido no vácuo, permaneceu algum tempo immovel, como a sondar, no coração amargurado, a intensidade da sua dor.

Tudo estava acabado! Ruiram as suas illusões como um castello de cartas ou de areia! Era rico. Que lhe valiam, porém, os livros de cheques e os valores do seu cofre, si a felicidade, numa debandada, o deixava no meio da estrada que o seu sonho conduzia á placidez e á ventura de um lar cheio de socego?...

A noite, por fim, lançou o seu manto negro sobre a terra cinzenta, esmagando o ultimo clarão. A lua, redonda e branca como uma hóstia purissima, surgiu sobre os picos altaneiros, e uma brisa fresca soprou as faces em fogo e os cabellos desalinhados do desditoso rapaz. Divagou em torno de si mesmo. Deu, vacillantes, quatro ou cinco passos e de novo se quedou. Suas pupillas cahiram, casualmente, sobre uma rica moldura com incrustações de prata, onde o retrato de uma joven linda sorria, através o vidro brilhante. E leu, mais uma vez, a dedicatória, traçada em caracteres redondos e caprichosos: "Ao Luiz, a ternura e o coração de sua Iracema". Num impulso, cheio de colera, avançou para o retrato mudo e espatifou-o de encontro ao mármore rosa de uma estatueta, rasgando, em seguida, a photographia em tiras, com uma dôr tão grande quão desesperada, como si rasgasse, uma após outra, as fibras do orgão da vida e do sentimento.

De um "abat-jour" verde a luz jorrava fraca e cariciosa como um olhar de mãe devotada.

Na porta de vidro fosco, alguém se annunciou pelo bater dos nós dos dedos. As pancadas exteriores soaram no cerebro de Ambrosio como martelladas.

— Póde entrar!

A luz macia banhou uma silhueta admiravel: Iracema.

Os olhares se cruzaram duros e as palpebras da moça baixaram, pejadas de gottas crystallinas, enormes e transparentes, prestes a se despenharem pelas faces sedosas. O rapaz recuou horrorizado, como si estivesse em frente de uma vibora ameaçadora, e, a mão sobre a testa, que parecia rebentar, numa recusa tremenda, bradou, como si falasse a alguem muito distante:

— Hypocrita! A lagrima é a defesa mentirosa da mulher pela bocca silenciosa dos olhos. Nas pupillas

femininas existe um manancial inesgottavel de agua pura que se transforma em pantano fetido de vergonhosas injurias, quando o homem o surprehende. A porta que te deu entrada está aberta para a sahida. Jamais te quero ver!

Iracema ouvira impassivel aquelle labéo atirado ás suas faces como um látego cortante. E, como quem

O dono da casa. — Sabe você si minha senhora vae veranear, este anno?
A criada. — Sim, senhor.
O dono da casa. — E sabe tambem si ella pretende levar-me comsigo?

DUVIDA DESFEITA

muito ama, muito perdôa, se approximou do noivo colerico, carinhosa e complacente, enlaçando-o nos seus braços roliços e captivantes. Elos onde a seducção imperava! Luiz, preso naquella cadeia doce e amorosa, quiz desvencilhar-se, mas, faltaram-lhe as forças. No seu rosto congestionado o halito quente e perfumado de Iracema fustigava, embriagando-o, prendendo-o, amollecendo-o, tanto mais quanto elle sabia perder aquelle corpo morno que o seduzira, ao tempo em que ella, num fio de voz serena e firme como um jacto fresco sobre uma caldeira em ebulição:

— Ah! Luiz, si eu não te amasse tanto! Foste mão como um veneno fulminante! Entretanto, supportei as agruras do envenenamento. O ciume transtornou-te, enlouqueceu-te, deixando-te num desvario de fazer horror. Olha-te ao espelho e verás como estás hediondo. Nos cantos dos teus labios sanguineos a duvida cavou dois sulcos horriveis. Teus olhos estão vermelhos como brazas. Teus dentes rangem como moendas nervosas. Tuas temporas parecem malhos batidos por mãos possantes. Teus cabellos sedosos caem desiguaes como novellos embaraçados. Por Deus, olha-te ao espelho e olha para dentro de ti mesmo. Vê como a colera deixou o teu espirito bom.

"Alli fóra está o Jorge, teu futuro cunhado, que te dirá — já que não crês na tua quasi esposa — quem era o homem que hontem viste na semi-escuridão do nosso "hall", em "colloquio amoroso" com a tua noiva. Os irmãos, quando são bons, como o meu é, tambem beijam e acariciam as manas, meiga e ternamente, como dois pombos ou dois namorados. Ouviste as palavras que o "homem" me dirigia? Pois devias tel-as

(Conclusão)

ouvido. Eram de ternura. Mas, de ternura fraternal. Jorge tecia uma malha de oiro elogiando a minha formosura: dizia coisas bonitas para me fazer feliz e compensar da tua ausencia. Ou, talvez, elogiasse a elle proprio, que é o sangue do meu sangue: nas suas veias os globulos vermelhos correm advindos da mesma origem.

"E com que direito duvidaste de mim? Como perdeste a crença na minha pessôa, que vive de corpo e alma dedicados á tua imagem, quer quando tenho as tuas mãos nas minhas e os teus olhos fixos nos meus, quer quando o teu vulto dobra as curvas das ruas, deixando-me triste e só e alimentando a esperança do teu regresso, a contar os minutos lentos e as horas infindaveis?

"Meu noivo. Como o ciume cega e transforma! Dentro da hediondez physica e moral em que te encontras e do desespero que te domina, és capaz de matar e matar-te. Tu,que sempre foste manso e carinhoso como os canarios côr de oiro! O teu espirito, grande e nobre, está reduzido ao instincto do tigre. Abre os olhos da alma, já que os do corpo entorpeceram e baralham as imagens, confundindo-as para torturar-te..."

Jorge entrava nesse momento. Não perdêra uma unica syllaba do dialogo. Caminhou firme e, tocando amigavelmente no braço de Luiz, disse-lhe:

— Vamos! Beija a tua noiva, que é pura como um lirio immaculado. Erraste. E' dos homens. Continuar no erro, quando elle o deixa de ser, é imbecilidade. Reconciliem-se e sejam felizes.

Luiz Ambrosio levantou as palpebras e dellas dois pingos salgados e doridos rolaram face abaixo, silenciosamente. Quiz falar e as palavras morreram-lhe na garganta. Presentiu-lhe a intenção a noiva amiga e, num gesto de abnegado perdão, offereceu-lhe a bocca fresca como uma rosa e perfumada e linda como uma romã, que elle amarrotou com os seus labios seccos e murchos, como um lago que o sol chupasse, deixando no fundo, a descoberto, cascões de terra negra...

— Que faz agora o teu irmão? Continúa trabalhando para conseguir aquelle emprego publico?

— Não; agora "não faz nada". Já o conseguiu.

A MAIS HONRADA

SOARAM dez badaladas limpidas, rotundas, no monumental relogio do gabinete do barão de Almenares. E logo a seguir duas pancadas timidas, discretas, dadas com o dorso dos dedos fechados, bateram na porta, como que pedindo autorização para entrar.

— Pode entrar! — falou o barão, do leito em que estava deitado.

Um criado enlutado entrou no gabinete, e disse, em voz alta:

— Trouxeram uma carta para o senhor barão.

— Está bem — respondeu-lhe o nobre. — Deixa-a, com as outras de pesames, na bandeja da sala de recepção.

— Mas é que — continuou o criado — é que ha, no enveloppe, a palavra *urgente*.

— Nesse caso — respondeu o barão — deixa-a na secretaria.

— Precisa o senhor que eu o ajude a vestir-se? — insinuou o serviçal.

— Não — respondeu-lhe o nobre, com voz um tanto apagada. — Pódes retirar-te.

Dom Jayme Bubinat de Moncada, barão de Almenares, era um homem enxuto, nervoso, de pouco mais de cincoenta e dois annos. Em seus olhos fulgurava a impetuosidade de uma raça de dominadores e aventureiros. Viam-se em seus rosto os signaes de uma insomnia agitada e febril.

Começou a vestir-se lentamente. Aquella manhã, renunciava ao seu costumado banho frio. Uma vez envolto em sua bata guatada, sahiu para o gabinete, deixou-se cahir em uma cadeira e em seus olhos brilharam duas lagrimas.

Julgava estar sonhando. Ainda não fazia vinte e quatro horas que se consummára sua atroz desdita. Parecia-lhe ver aquelle mesmo compartimento cheio de amigos, de parentes, de devedores, que lhe prodigalizavam consolos e o abraçavam, recommendando-lhe resignação e humildade. Depois, ouvia, no calçamento da rua, o trepidar da carruagem funebre, que levava para sempre o corpo da mulher amada, daquella que havia embellecido sua vida, agora mutilada de um modo cruel e definitivo.

Como occorrêra a tremenda catástrophe? De maneira brutal e imprevista. Uma indisposição de Laura, passageira, segundo parecia, e insignificante. Depois, a febre, a aggravação e o desenlace rápido e desolador. Nos instantes tragicos, a chamada á beira do leito e a recommendação em voz balbuciante:

— Jayme!... Nossa filha!... Tudo por nossa filha!...

E tudo acabou. Agora, era pensar na filha... e o barão estava arruinado. Só lhe restava sua pensão vitalicia, sufficiente para viver modestamente. Quando elle morresse, Nini ficaria á mercê de alguns parentes, bem pouco generosos e esplendidos. E elle morreria breve. Sabia-o. Não poderia sobreviver áquella mulher, prodigio de virtude e formosura, em quem havia resumido toda a sua felicidade e todo o seu carinho.

Cobriu o rosto com as mãos, e chorou. Chorou como quando era pequeno e escondia a fronte no regaço da velha baroneza dos Almenares. Sentia-se velho, esgottado, sem forças. Nini não tinha mais amparo. Seu pae era apenas um enfermo da alma. A desdita era muito maior do que o que a joven pudesse suspeitar.

Trascorreu um quarto de hora. O barão ergueu a cabeça e olhou vagamente em torno. Tinha um dever a cumprir e era incapaz de realizál-o. Naquelle momento, si acreditasse na existencia de Satanaz, o teria evocado, vendendo-lhe a alma por um capital que salvasse do infortunio a pequena.

De repente, seu olhar deteve-se na carta. Tomou-a, e rasgou o enveloppe de um modo inconsciente, quasi mechanico. Lançou um suspiro e começou a ler.

"Respeitavel senhor — dizia o manuscripto —: Quem escreve a v. ex. é Librada, a antiga donzella da senhora baroneza. Perdôe-me este atrevimento, em pagamento do carinho que sempre professei á senhorita Nini."

O barão deteve-se, perplexo. Que queira Librada? Um mez antes de morrer, Laura a despedira sem causa apparente, depois de doze annos de protecção. A baroneza déra como pretexto, falta de respeito. E que tinha a ver em tudo isso Nini? Na falta de outra distracção, que o impedira de cahir em suas reflexões esmagadoras, o barão continuou lendo.

"Eu sei muito bem, barão — dizia a antiga empregada — que a senhorita não tem patrimonio. Perdôe v. ex. minha franqueza, mas vivi ao lado da senhora baroneza, e ella se dignou communicar-me suas inquietudes. Agora, o que ignora v. ex. é que, destruindo alguns papeis, segundo parece, sem importancia, póde destruir tambem o futuro e o bem estar de sua filha.

"Ha doze anons, esteve a senhora baroneza em Paris, na casa de sua amiga madame Villiers D'Aubry, rue Mourignac. Aquella estancia durou dois annos. Dois annos longe de seu esposo, desfructando dos galanteios de uma sociedade esquisita e faustosa.

"Era a senhora baroneza uma mulher de esplendida e deslumbrante formosura. Contava, então, trinta annos, e deve ter sido a admiração da juventude parisiense. Voltou encantada de sua estancia na Villa Luz. Ainda não havia nascido a senhorita Nini, e, livre de preoccupações, poude gozar os encantos de sua mocidade e sua belleza.

"O senhor ia vêl-a de tarde em tarde. Os negocios — os negocios que tão mal resultado financeiro tiveram — reclamavam sua presença aqui. Afinal, regressou a baroneza. Mezes depois, nascia a que promette ser tão bella e encantadora quanto a mãe."

O barão suspendeu a leitura. Passou um lenço por sua fronte e enxugou o suor. Depois continuou.

"Fructo de sua previsão, e ignoro de que benignidades de fortuna, a senhora barozena trouxe comsigo, de Paris, cento e cincoenta mil francos."

— Cento e cincoenta mil francos! — exclamou, para si, o barão. — Impossivel!

"Mas, sem duvida — proseguia a criada — não convinha á senhora communicar ao senhor barão tão grata surpresa. Contava, talvez, que a morte não a surprehendesse a ella primeiro, e resolveu guardar sua fortuna para sua filha, sem que o senhor barão pudesse (perdão pela palavra) esbanjal-a."

Um tremor nervoso apoderou-se do nobre. Aquelle dinheiro, si existisse, era a vergonha, a deshonra, o odioso fracasso de toda uma vida.

"Duas palavras, para concluir — escrevia Librada. — No *bureau* de páo-rosa que tem a senhora em seu dormitorio, ha um pacote, amarrado com uma fita azul, e no qual escreveu estas palavras: *Cartas de amigas*. Não ha taes cartas. Alli, em varios envelopes, estão os cento e cincoenta mil francos.

"Bem alheia estaria a senhora, quando me despediu, injuriando-me, de que eu havia de ser quem salvaria o futuro de sua filha, evitando que sua fortuna fosse queimada como um pacote de papeis inuteis. Si o senhor acha que deve recompensar-me por isso, saiba que não foi o egoismo a causa da decisão de sua criada, *Librada*".

O barão ficou aniquilado. A criada podia mentir. Si mentia, era certa a desdita da pobre Nini. Mas, ai, si dizia a verdade! A menina salvar-se-ia. Mas, elle, infeliz, soffreria o mais rude golpe que ainda poderia supportar. A mulher em quem depositára absoluta confiança, e que fôra o seu unico amor — aquella que lhe pareceu modelo de esposas e de mães, o havia vendido. Não teria nem siquer o consolo de reverenciar sua memoria, nem mesmo o de saber que sua filha era sua e não fructo de uns amores vergonhosos e illicitos.

Librada mentia. A criada infiel vingava-se dos suppostos vexames que lhe foram impostos por sua ama. O barão confirmava-se nessa suspeita. Elle mesmo vira nas mãos de sua mulher o pacote de cartas de amigas. Não lhe teria ella occultado com mais cuidado, si nelle pudesse haver ao mesmo tempo uma deshonra ou uma fortuna?

A duvida, entretanto, tornava-se intoleravel. Levantou-se o barão e encaminhou-se para o domitorio da baroneza.

Ao entrar nelle, sentiu um golpe rude no coração. Pensou encontrar o leito ordenado, limpo, coberto de edredões e enfeites, como das outras vezes, e o achou revolto, ainda com as marcas do corpo rigido. O travesseiro parecia afundado pelo peso da cabeça, que foi formosa e que o soffrimento da agonia desfigurou horrivelmente.

O senhor de Rubinat de Monca

De Antonio Zozaya

da retrocedeu, espantado, e esteve para desistir de seu empenho. Afinal, procurou uma chave na gaveta da mesinha de cabeceira e, com ella na mão, se dirigiu ao pequeno *bureau*.

Pouco demorou em encontrar o pacote. Alli estava, amarrado com sua fita azul e sua indicação de *Cartas de amigas*, escripta com a letra fina e de traços delgadissimos de Laura.

Voltou o nobre ao gabinete e sentou-se no amplo divan. Devia abrir o pacote ou atiral-o ao fogo? E si estivesse ali o futuro da menina? Que valia mais, sua felicidade ou seu amor paternal? Tinha o direito de trocar seu desespero pelo desespero de sua filha? Não havia, no fundo do que elle chamava sua dignidade, o mais baixo e miseravel egoismo?

Nesse momento, ouviu-se a voz doce e angelical de Nini:

— Papae... papae!...

Sim; abriria o pacote. Nini se ria rica, teria um dote, não mergulharia na miseria, embora elle perdesse a unica esperança de que Librada houvesse mentido.

Nini appareceu.

Appareceu chorando, e isto a salvou. Si houvesse apparecido contente, a teria sacrificado como Jefté.

— Papae!... Ai, papae!...

Não podia articular sinão ternos lamentos.

O barão estreitou-a em seus braços.

— Coitadinha da m a m ã e!... Nunca mais a verei!

Rompeu em um pranto ruidoso, desconsolado.

O senhor de Rubinat de Moncada chorava tambem.

— Queiras muito a mamãe, não não é verdade, Nini? — perguntou, soluçante.

— Sim — respondeu a menina, entre suspiros espasmodicos, mas firme e decidida. — Porque minha mãe era a mais formosa de todas as mães, e a mais elegante e a melhor.

— E' verdade? — perguntou, ansioso, o barão. — E' verdade, minha filha, que era a melhor e a mais honrada de todas as mães?

— A melhor e a mais honrada! — gemeu Nini. — Era a melhor e a mais honrada de todas!

— Obrigado, minha filha, obrigado! — exclamou o barão, cobrindo de beijos a loira cabecinha de Nini. — Obrigado uma e mil vezes, Nini!

Depois, levando-a amorosamente até a porta:

— Vae, minha filha — disse-lhe; — vae ter, um momento, com Mathilde, a aia. Agora mesmo irei buscar-te.

Sahiu a menina. O barão viu-a andar um momento, immovel. Depois, fechou a porta, soltou um rugido e lançou-se, como um leão, sobre o pacote de cartas.

De um salto, chegou até o *chourberasky*, levantou a tampa, atirou o pacote ao fogo e voltou a tampar o enorme cylindro.

Ouviu-se como que o sopro de um furacão. Em seguida, o cylindro, agitado pelo voraz incendio interior, começou a enrubecer como uma granada.

O barão olhava-o de pé, com os punhos crispados.

O pranto abrazador, mais candente que as entranhas do monstro, cahia por suas faces pallidas.

O ruido da chamma, aprisionada no cylindro, começou lentamente a diminuir e extinguiu-se, por fim, em um absoluto e medroso silencio.

— Sim! — rugiu Rubinat de Moncada, com os punhos crispados e as pupillas dilatadas como as de um demente. — A melhor e a mais honrada de todas!

HISTORIA DA MINHA HISTORIA

ERAMOS dois estudantes. Eu, um feio e forte rapaz de 18 annos, e, Odette, uma linda e maravilhosa menina loira, cacheada, de olhos azues, com a mesma idade, que o destino unira, casualmente, num segundo andar da casa de pensão, na Avenida Mem de Sá.

Durante os primeiros dias, todo o nosso convivio não passou de banalissimos cumprimentos impostos pela cortezia, e tão communs ás relações sagradas de "Bom-Tom". Exerciamos, assim, dentro da etiqueta protocollar de gente fina, com todo o rigor das censuras imaginaveis, o nosso indiscutivel direito de vizinhança. Em verdade, isso é uma coisa quasi inevitavel, tanto mais quanto se vive dentro de uma mesma casa, habitando o mesmo andar, e se tem a ventura suprema de ser estudante. Comtudo, a coisa não andava tão bem como os outros hospedes suppunham. Havia muito mais de tres mezes já decorridos, que alli, estavamos, — eu chegando invariavelmente depois das duas horas da madrugada, e Odette, na sua linha impeccavel, sahindo, diariamente, depois das onze horas da manhã. E o mais interessante é que durante todo esse tempo, se estabeleceu, entre nós dois, uma espionagem constante, severa, cautelosa, cheia de ciladas. Eu, por um presentimento proprio de estudante malandro, inclinado ao amôr, sentia que Odette era uma especie privilegiada de fructo prohibido, Sibylla de namoros, qualquer coisa parecida com a minha propria sombra a me acompanhar o corpo. Por sua vez, Odette, guiada pela delicadeza aguçada do instincto, sem que nunca se perturbasse, tinha a certeza plena, cabal, absoluta, de estar sendo espionada por mim, em todos os seus actos. Isso, porém, era feito num disfarce proprio, somente á Mata Hari, antes de embrulhar a inexperiencia creoula de José do Patrocinio Filho. Dahi, a razão por que cada um de nós, em poucos dias, ficou conhecendo, em todos os seus detalhes mais intimos, a historia privada e galante do outro.

Da historia da minha historia, Odette aprendêra de mais, e concluira por inducção logica que eu, como todo estudante brasileiro, era um caloiro caturra, literato, declamador de tercetos, fabricante apaixonado de sonetos mediocres, intoleraveis, piégas, e filho desse longinquo, soturno e encantado Amazonas, tendo, para me distinguir dos outros, duas manias perigosas: gostava de flores, de musica, de mulheres bonitas, levianas, e, o que é peor, de fazer discursos em festas de casamentos. Por minha vez, eu verificára na historia da historia della, por indicios remotos, que, apesar de todo o simulácro feito, Odette, como qualquer outra menina do seu temperamento, era, nada mais, nada menos, que uma endiabrada alumna da Escola de Medicina, namoradeira, caprichosa, "embeiçada" por alumnos da Escola Militar, apaixonada pelos films de Adolpho Menjou ,tambem nortista, lá da terra dos "Barés", e gazeadeira incorrigivel das aulas do professor Fernando de Magalhães.

Na época dos exames, como eu, ella recorria ao expediente infallivel da "colla", fazendo, nas provas escriptas, verdadeiros milagres de intelligencia e de cultura. Era uma especialista. Foi esse o maior motivo por que, contra gosto, nos vimos forçados a soffrer a reclusão nocturna da pensão, apenas, separados um do outro, por fragillima parede de tabique, entreposta á divisão de nossos dois apertadissimos apartamentos.

Uma noite, — nunca me poderei esquecer dessa noite, — no mez de dezembro, eu voltei á pensão, muito triste, cheio de fadiga e sobretudo decepcionado. Havia perdido, por instancias de um collega, no jogo do "bicho", na maldita vacca, os ultimos nickeis da mesada. A minha tristeza, amarga e profunda, era, não ha nenhuma duvida, uma coisa terrivel, infinita, só comprehensivel por alguem que, tendo sido estudante como eu, haja passado, ao menos uma vez na vida, por tamanho infortunio. Para cumulo de meu caiporismo, faltava pagar a lavadeira, a engommadeira, o engraxador, a pensão e o tintureiro. Além disso, ainda eu tinha que pagar o cinema de Odette.

No desespero da minha quebradite, eu sentia uma especie nervosa de "frisson" amargurante, e, para o qual, não havia, na pharmacopéia dos boticarios, nenhuma medicação apropriada. Dentro do meu quarto, naquelle dia, desde que a noite caira, eu era como um tuberculoso suffocando á falta de ar, a queimar, na minha angustia, a propria hematose do pulmão. Não havia canto dentro do quarto. Rolava de um lado para o outro, em cima do colchão, á pequena e desconjuntada cama de madeira, que rangia aspera, lugubre, dando-me a impressão

de Adaucto Fernandes

dolorosa de uma nova "dança macábra", toda feita de gemidos e quebramentos de ossos.

A noite estava fria, humida. Uma neblina nédia grasnava gizando impertinente as vitrines luminosas das ruas, emquanto um vento gelado, importuno, constante, embalava, como um sopro de agonia langorosa, errante, a tristeza branca do meu immenso desconforto. De quando em quando, um cheiro molhado de asphalto entrava-me, turbilhonante, pelo quarto a dentro. Fui á janella e admirei o movimento rapido dos bondes e automoveis que passavam. Senti-me mal. Estava cada vez mais irritado. Era uma velha questão de habito. Havia tres mezes que eu alli estava, habitando o mesmo quarto, sem nunca ter permanecido, depois das 6 horas da tarde. Entrei e puz-me a ler, ora um livro, ora outro, sem geito, sem vontade. Faltava-me qualquer coisa, e lembrei-me da liberdade das ruas, da vida libertina dos "cabarets", do arrocho perfumado dos cinemas, do nú artistico das praias, e conclui, philosophando: "Tudo isso é a minha segunda condição. — Felizmente ainda não perdi tudo, — disse sacudindo os hombros, dando um balanço cuidadoso nos bolsos do paletó. Restam-me ainda dois cigarros Wandick, que por descuido escaparam á "fila" dos collegas da Galeria Cruzeiro" — gesticulei em voz alta, á tôa, como se falasse para a minha vizinha de quarto. Mas, ninguem me respondeu.

Só essa excitação indicava a delicadeza do meu super-nervosismo, áquella noite. E alli, sem dinheiro, sem "cabaret", sem cinema, fiquei a ruminar idéas. Devia passar toda a noite dentro do quarto de pensão, tendo por divertimento, alguns livros baratos, brochados, já viciados á frequencia do "prego", e, por consolo, os ultimos dois cigarros que a minha gula de fumante inveterado não teria a delicadeza caridosa de poupal-os.

O vicio do fumo, em todos os momentos difficeis da minha vida, foi, não posso negal-o, a fonte suprema da minha resignação. Accendi o primeiro cigarro e fumei-o trago a trago, lento e lento, como se em cada fumarada eu bebesse, ás gottas, o nectar dolçuroso do meu socego. Era preciso uma coisa qualquer para me distrahir. E, quando o cigarro estava quasi desapparecendo dentro da bocca, e, pelo ar começava a se espalhar um cheiro de carne chamuscada — quasi churrasco gaúcho — senti que me não era possivel o sacrificio que o destino impunha. E coisa tragica! por causa do prejuizo que me deu a vacca, pensei demoradamente no suicidio.

— E' o cumulo! Matar-me por causa de uma vacca, — pensei.

Mas, conclui logo que o suicidio é o caminho mais curto para o soffrimento de um estudante quebrado. E, automaticamente, accendi o ultimo cigarro. Nesse momento, notei, cheio de surpresa, que Odette entrava no seu quarto, extraordinariamente alegre, cantando desafinada, e assobiando um "samba" lascivo do ultimo carnaval. Ouvi-a sem querer; e o mais admiravel é que eu percebi, apesar da minha tristeza, que Odette tinha tão pequenos motivos para estar alegre, quanto eu, para me conservar tão triste. Coisa singular! — O seu bom humor afloràra aquella noite, numa explosão. Odette havia acertado no touro! ... E, alli, cantando e assobiando, dentro do quarto, continuou por muito tempo. Cantou "Tahi"!, "Si você jurar"..., e, quando ia se preparando para recomeçar pela oitava vez "Fumando eu te espero", queimou-se o fuzivel da installação electrica da pensão, ficando todo o predio mergulhado na mais densa e profunda treva.

— Ai meu Deus! Que horror! — gritou Odette, cheia de susto. E, agora, que é que eu faço, sem phosphoros para accender, ao menos, um coto de vela?

Calou-se. Depois, levemente, espaçadamente, comecei a ouvir que alguem batia á porta do meu quarto:

— Collega! Collega! Parece que me chamou?!

Eu ia responder, quando, novamente, ella bateu:

— Acuda! Acuda!

Corri para attendêl-a. Fui á porta, abri-a cautelosa surprehendido. Mal a porta rodou nos gonzos, um vulto franzino, delicado, cheirando a pó de arroz e a loção, que eu não podia conhecer em meio das trevas, mas que, pelo cheiro caracteristico de carne moça, eu bem poderia suspeitar quem fosse, arrojou-se, estonteando, nos meus braços.

— Doutor! ?

— Doutor!

— Que foi?!

— Estou com medo...

E, desmaiou...

* * *

Desde garoto, quando ainda brincava de esconder, com as garotas do meu tempo, que eu comecei a considerar a treva uma coisa bastante perigosa, algumas vezes; outras, um presente do céo.

* * *

No outro dia, na historia da minha historia, Odette havia escripto o primeiro capitulo do livro azul da historia della.

O QUARTO

PEDRO

QUANDO Henrique Rodrigues se viu de novo nessa somnolenta cidade, onde sua juventude emmurchecêra, sentiu renascer em seu fôro intimo a amargura das recordações.

Encarregado por um de seus clientes para tratar de terminar um negocio com um dos opulentos commerciantes da localidade, só sentia que seu coração abrigava um desejo: o de concluir quanto antes o negocio que devia resolver, e voltar, o mais breve possivel, á capital.

Mas, quando tinha acabado de effectuar todas as diligencias necessarias e poude certificar-se de que sua missão havia fracassado, um immenso desalento invadiu-lhe o ser, ao mesmo tempo que um imperioso desejo de comparar sua vida anterior com a que actualmente levava, o impelliu a vagar pelas estreitas ruas da cidade, formadas de casarões sombrios e pelas desertas avenidas onde o tépido sol de primavera envernizava as novas folhas que brotavam nas arvores. Emquanto realizava essa longa excursão, o passado renascia, cruel e, no emtanto, cheio de encanto.

Esta era a casa onde nascêra; nessa outra transcorrêra sua juventude; ali estava a escola onde aprendêra as primeiras letras; mais além, o collegio no qual fizéra o curso de humanidades; afinal, via, mais distante, a casa onde seu coração pulsára amorosamente pela primeira vez.

E, no emtanto, seus vinte annos se haviam ruborizado dessa existencia tão simples e tão recta. Sonharam em fazer rapidamente fortuna e correr maravilhosas aventuras, e, um bello dia, sem reflectir maduramente, resolveu sacrificar as realidades tangiveis a reflexos longinquos que appareciam bruxoleantes, e partiu para a capital.

Ah! Quantos acontecimentos se haviam succedido desde aquelle tempo distante!

Nenhum de seus sonhos chegára a realizar-se. Casado sem amor, ganhando penosamente sua subsistencia e a de sua esposa, em trabalhos incertos, escondendo sob uma apparencia decente sua verdadeira indigencia, só era, agora, um pobre homem envelhecido, acabado, tanto no moral como no physico. Sentia-se um vencido pela luta diaria, e, o que era peor ainda, um vencido que não podia abrigar nenhuma esperança de tomar sua revanche.

Com que ironica maldade seu passeio através de seu torrão natal não o fazia sentir a vaidade que comportava aquelle gesto de independencia! A cada passo que ia dando, levantavam-se deante delle innumeras recordações, acompanhadas pela inveterada tristeza que sempre vêm suscitando.

Do mesmo modo que um enfermo acha um perverso prazer, em uma noite de intensa febre, em ajuntar a todas as suas dores physicas novas razões e imaginações para soffrer ainda mais, Rodrigues continuava revolvendo o ambiente de sua juventude, e procurava todos os logares que pudessem ser evocadores de seu passado. Apenas um lhe restava ver, e este era seu quarto de estudante, de onde havia sahido com disposição para conquistar o mundo. E para lá dirigiu seus passos.

Nada havia mudado em seus arredores. Reconheceu a rua silenciosa como era outr'ora; o amplo casarão cinzento que dava para os jardins do vizinho convento; a janella situada tão proximo ás telhas do tecto; o amplo balcão com sua varanda de ferro, onde tantas vezes se havia apoiado em suas horas de sonhadoras meditações. Um irreflexivo impulso arrastou-o. Penetrou na casa e, atrevidamente, subiu a escada. Uma campainha (ah, o mesmo som triste de então!); a porta se abre e um joven apparece no humbral indagando o motivo da presença daquelle desconhecido.

— Que deseja o senhor?

AMARELLO

NAUROY

Rodrigues, subindo as escadas, havia preparado o pretexto.

— Perdôe o incommodo, cavalheiro — respondeu; — mas, como me informaram que este quarto estava para alugar, me permitto rogar-lhe queira deixar-me visital-o.

— Enganaram o senhor — contestou o outro. — Não penso, por emquanto, em desoccupar este quarto.

Fez uma pausa, e ajuntou:

— Quando chegar a época das férias, então elle ficará vago, pois eu irei para minha casa. Si puder esperar até lá, não tenho inconveniente em que o visite agora.

— Terei um verdadeiro prazer.

Rodrigues entrou no aposento, e ao revêl-o tal como era no seu tempo, experimentou uma violenta emoção, que quasi lhe produzia uma vertigem. O papel amarello que ainda cobria as paredes estava quasi completamente descolorido devido á acção do tempo; mas a cama de ferro era a mesma; sobre a chaminha se achava o mesmo relogio despertador; as mesmas estantes encostadas ás paredes, e nellas se amontoavam os livros; a um lado, a mesma mesa coberta de papeis. Pela janella aberta, entrou, como outróra, o doce repicar dos sinos do convento vizinho; e via-se, debruçado alli, a immutavel decoração dos tectos azues, do campo verde, e alli, ao longe, como um rascunho sobre a tela de um quadro, a estrada de ferro, cujos trilhos iam, directos, até a capital.

O visitante sentiu renovar-se intactas as impressões que sentira em sua juventura, mas agora sabia valorizal-as. A dura e rude experiencia que dão os annos vividos lhe demonstraram palpavelmente como eram inuteis as ambições e as illusões concebidas.

— E? — interroga o joven.

Rodrigues voltou-se violentamente para aquelle desconhecido. Contemplou aquelle moço de dezoito annos, com olhos que brilhavam cheios de ardentes esperanças, faces onde tumultuava sangue sadio e labios que se abriam avidamente para saciar-se bebendo no rio da vida. O homem, que envelhecêra prematuramente, sentiu sua coragem invadida por uma immensa piedade. Desejou deter esse joven, que, sem duvida, ia resvalar no cruel declive. Falou sem parar, e quasi sem perceber o que dizia.

— Não, moço; não alugue este quarto. Não deve abandonál-o nunca. Não me interrompa, eu lhe peço. Sei quem é você e conheço seus secretos pensamentos. Você trabalha com todo o fervor que anima os jovens famintos de sciencia. Vive só. Não tem ninguem perto para apagar a febre que se apodera de seu ser ou para inclinar seu espirito para as necessidades reaes deste mundo.

"Olha as arvores, o infinito do campo e do céo, e profundos suspiros escapam de seu peito... Depois, sua vista não póde afastar-se daquellas linhas parallelas que cortam o longinquo horizonte, porque sabe que, no fim dellas, se acha a capital. E é para alli, de repente, que você pensa ir... Acredite-me, amigo, eu lhe peço. Não escute esse enganador chamado que o acena para ir tentar fortuna nesse deserto de homens. Não abandone este quarto de estudante, este quarto ainda doirado pela claridade e pelos efflavios da primavera."

Rodrigues dirigiu-se para a porta. Começou a descer a escada, e, emquanto o fazia, de seus labios continuavam sahindo palavras incoherentes.

Immovel, do humbral da porta, o joven estudante contemplou estupefacto esse prematuro velho que se afastava, e murmurou, entre dentes:

— E' um demente!

Um louco? Sim, talvez! Mas, dos labios dos loucos costuma sahir, a maior parte das vezes, a verdade da vida.

O CACHIMBO

A O passar o automovel, algumas pessôas, reunidas em frente á egreja, no cruzamento dos caminhos, ao longo dos quaes se derramavam as ultimas casinhas da aldeia, começaram a gesticular, do mesmo modo como si quizessem espantar uma vacca arisca, e obrigál-a a retroceder.

— Por ahi não! Por ahi não!

— Por que? A estrada não é bôa? — perguntou, sem parar, Charlieu, que estava no volante.

Fizeram-lhe signaes de que não. Tratava-se de outro perigo, que não, queriam explicar.

Aquelles gestos pouco satisfatorios não eram, de certo, sufficientes para obrigar Charlieu, obstinado e audacioso, a modificar seu itinerario.

— Si o caminho é bom, hei de passar...

No emtanto, diminuiu a marcha do carro, observando a estrada, para descobrir a tempo a possivel emboscada, a arvore cahida ou o vehiculo abandonado, que pudessem significar o perigo a que aquella gente se referia.

Mas nada de suspeito viu. A prudente distancia, o grupo da praça seguia o auto com a vista e continuava lançando gritos de alarma:

— Attenção! cuidado com o perigo!

Uns postigos se entreabriram, deixando ver um camponio, com o cachimbo na bocca e um fusil na mão.

No mesmo instante, do jardim em frente partiu um relampago, e uma bala se incrustou no postigo, que o homem fechou precipitadamente.

— Diabo! Si isto é a guerra! — exclamou Charlieu, accelerando o carro.

Entreviu vagamente um homem ajoelhado detraz de um arbusto, ouviu, uma após outra, duas novas detonações, e se encontrou longe do casario, correndo com a velocidade de um bolido, emquanto que, no vehiculo, os gritos agudos de suas bellas companheiras formaram um côro aterrorizado.

Quando se restabeleceu a calma, a bôa distancia da zona perigosa, Charlieu freiou o carro e voltou-se, sorrindo:

— Que estará se passando? Os habitantes desta aldeia estão se matando uns aos outros. Será preciso mandar a policia.

Era o unico que ria. Todas as damas estavam ainda pallidas do susto.

— Afastemo-nos depressa! — supplicaram. — Não temos nada com as questões dessa gente.

* * *

A curiosidade estava, no emtanto, grandemente excitada. Por que tal desencadeamento de odios, que levava a uma verdadeira guerra? Charlieu imaginou os camponios divididos em dois grupos dispostos a exterminar-se mutuamente. Nnguem ia intervir para desarmar e tranquillizar os combates? Mais uma vez Charlieu pensou na policia.

Mas, talvez, antes de lançar a força publica em semelhante briga, fosse conveniente informar-se mais detidamente a respeito do caso.

— Posso muito bem voltar até lá, sozinho, emquanto ellas almoçam, — pensou. — Que arrisco? Saberei manter-me fóra do alcance da fusilaria.

Decidido, voltou ao volante, e regressou ao casario bellicoso.

A' vista das casas, escondeu seu carro em um mattagal, e avançou para o theatro das hostilidades.

— Psiu!... Senhor-senhor... Poderia ter a amabilidade de dar-me, si tem, um pouco de fumo para meu cachimbo?

Detraz dos postigos de uma casa que Charlieu observava, attentamente, uma voz o interrogava:

Fumante tambem, elle

— Sim; é um maniaco. Tomou tanta estima por aquellas calças, que nem para as lavar, quer tiral-as.

De H. J. Magog

Puxou do bolso uma bolsa de fumo.

— Com muito prazer! Mas... posso avançar sem perigo?

— Oh! Não tema. O senhor não arrisca nada. Approxime-se somente da porta. Vou descer para abrir-lhe. Meu cachimbo tem um appetite de todos os labios.

Outro teria hesitado, talvez, apesar de tal segurança. Mas Charlieu não era nenhum covarde. Queria ver e saber. A porta entreabria-se quando elle chegou.

— Póde entrar — disse a voz.

E outra voz, colérica, que parecia vir do outro lado do caminho, gritou:

— Bruto!

Charlieu metteu-se na casa. Viu, deante de si, o unico rosto de um camponio com o cachimbo na bocca — um cachimbo soberbo, de espuma do mar, e que seu dono chupava com evidente enthusiasmo.

— Elle não está gostando que o senhor me de fumo — explicou. — Eu não o tinha mais, e isso me aborrecia tanto, que seria capaz de arriscar tudo para conseguil-o. O bandido, que me espreitava, contava com isso.

— E' seu inimigo? — perguntava Charlieu, em quanto aquelle homem enchia seu cachimbo.

Esperava que o outro attribuisse seu odio, justificando-o. Mas a resposta foi placida.

— Sim e não... Não é que nos tenhamos jurado. Mas tivemos uma troca de palavras, e isto só terminará pela victoria de um dos dois. Começámos com pedras; agora, a coisa passou aos balaços.

— E' grave! — disse Charlieu, inclinando a cabeça.

— Ora! — respondeu o homem do cachimbo. — Somos dignos rivaes.

— Isso não impede que o senhor tenha que permanecer encerrado.

— Eu desempenho meu papel... Mas... aguente-se um pouco... Tenho uma idéa para fazêl-o enfurecer-se.

Abriu a porta de par em par, procurando permanecer defendido pelo joven. E, por cima do hombro de Charlieu, enviou volutas de fumo, que desesperaram o inimigo occulto.

A resposta não tardou em chegar.

— Tire isso dahi, ou eu atiro! — gritou uma voz exasperada.

Rapidamente, Charlieu deu meia volta, e notou outro camponio, que se erguia em uma fossa, a arma ao hombro, e que fumava com enthusiasmo seu enorme cachimbo.

— Dispara! — gritou dando frente.

Soou uma detonação. Mas não veiu do fusil ameaçador. Roçando, quasi, a face de Charlieu, outra arma se apoiara, astutamente, em seu hombro. E, em situação tão commoda e segura, o camponio de dentro acabava de fazer fogo.

— Erraste o alvo! — gritou o outro, triumphantemente. — E vão dois!

Charlieu, porém, furioso do papel que lhe obrigavam a desempenhar, voltou-se, desviando o cano do fusil com tal violencia, que a culatra quebrou o cachimbo entre os proprios dentes do atirador.

— Meu cachimbo!

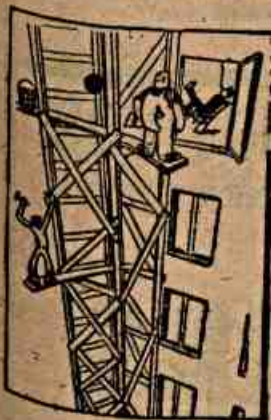
— Maldição!

Espantado, ao ver que os dois adversarios se insultavam com identica raiva, Charlieu exclamou:

— E' uma desgraça sem importancia. Os senhores iam matar-se. Salvei-lhes a vida!

Os dois homens riram gostosamente.

— A vida? Tratava-se de nossos cachimbos! Tinhamos feito uma aposta para ver quem quebrava o cachimbo do outro.

— E eis que o senhor quebra o meu. Não haverá ganhador! — concluiu, desalentado, o homem do cachimbo quebrado.

O operario. — Que maneira de sentar-se! E não tem medo de cahir e quebrar a cabeça...

A FAIXA

(SHERLOCK - HOLMES)

(Continuação do numero anterior)

Nada vi digno de nota, a não ser aquelle cordão da campainha, e não chego a perceber-lhe a serventia.

— Não reparou no respiradoiro?

— Reparei. Uma communicação daquelle genero estabelecida entre dois quartos não me parece caso extraordinario; e dahi, é tão exigua, que com difficuldade facultaria passagem a um rato.

— Eu, antes de entrar no predio, presumi encontrar esse respiradouro.

— Essa agora!...

— E' como lhe digo. Deve estar lembrado de Miss Stoner nos contar que a irmã sentia o cheiro do charuto do doutor Roylott. Essa circumstancia suscitava, é claro, a idéa de uma communicação qualquer entre os dois quartos, communicação aliás que só podia ser minuscula, visto não se achar mencionada no inquerito do *Coroner* (*). Conclui, pois, dahi, que devia existir um respiradouro.

— E que inconveniente lhe encontra?

— Eu lhe digo, ha nisso, quando menos, uma coincidencia de factos assás curiosa. Estabelece-se um respiradoiro, pendura-se uma corda, e uma mulher, que dorme naquella cama, morre de morte singularissima. Pois não o impressiona uma tal circumstancia?

— Não vejo a minima relação entre tudo isso.

— Notou qualquer coisa de muito especial com respeito áquella cama?

— Não.

— Está pregada ao soalho. Acha isto coisa corrente?

— Não me parece.

— A rapariga não podia arredar o leito. Tinha que o deixar sempre ao alcance do respiradouro e da corda, que assim lhe podemos chamar, visto nunca ter existido a campainha.

— Holmes, exclamei, principio a attingir vagamente a sua idéa. Viemos ainda a tempo de impedir um crime horrendo e requintado.

— Horrendissimo e não menos requintado. Todo medico que claudica na vida, descamba no mais atroz criminoso, pois tem a seu favor o sangue-frio e a experiencia. Este homem mira ainda mais longe, mas afigura-se-me, Watson, que seremos mais finos do que elle. Emquanto não tratamos de confirmar-nos neste acervo de horrores, vamos fumar a nossa cachimbada com socego, e pelo espaço de algumas horas, pensemos em coisas menos lugubres.

IV

Cerca das nove horas, apagou-se a luz que bruxoleava por entre o arvoredo, e tudo mergulhou nas trevas, do lado da residencia.

Decorreram duas horas... infinitas. Quando de-

(*) autoridade policial ingleza.

SARAPINTADA

Por CONAN DOYLE

ram as onze, surdiu por entre a escuridão, defronte de nós, exactamente, uma luz vivissima.

— Lá está o signal, exclamou Holmes, erguendo-se de chofre. E' na janella do meio, não ha duvida.

A sahida, trocou meia duzia de palavras com o estalajadeiro a persuadil-o de que iamos visitar um amigo e de que talvez lá passassemos a noite. Dali a instantes, tomavamos a estrada, chicoteado o rosto por um ventinho glacial, e encaminhavamo-nos para a luz nosso guia em tão sinistra expedição.

Entrámos no parque sem grande custo, em razão de haver numerosas fendas nos muros.

Tinhamos alcançado o pateo e transposto a parte relvada; e nos dispunhamos a escalar a janella, eis senão quando, nos sahe aos pulos, de uma moita de loureiros, assim a modos de um anão hediondo e disforme, que rojando-se pela relva, contorcendo os membros e, deitando depois a fugir, se sumiu na escuridão.

— Santo Deus! murmurei; não viste?

Holmes a principio ficou quasi tão surprehendido como eu, e, nervoso, apertou-me com força a mão.

Depois, começou a rir silenciosamente, e segredou-me ao ouvido:

— Linda casa, sim senhor! E' o macaco!

Tinham-me varrido da memoria os validos do doutor. Havia tambem uma panthéra; quem nos dizia que de um momento para outro a não iriamos sentir saltando-nos ás costas? Confesso que me senti mais socegado, assim que, seguindo os passos de Holmes, descalcei os sapatos e me encontrei dentro do quarto. O meu companheiro fechou os postigos sem fazer bulha, pôz o candieiro em cima da mesa e lançou os olhos em redor. Estava tudo conforme viramos de dia. Então, acercando-se de mim, pé-ante-pé, e pondo a mão á laia de porta-voz, segredou-me ao ouvido, tão baixinho que mal podia distinguir-lhe as palavras:

— O mais leve ruido será fatal ao nosso plano.

Manifestei-lhe por acenos havel-o entendido.

— Não convém conservar a luz accesa. Vel-a-ia pelo respiradouro.

Respondi por mimica.

— Não adormeças. Podia custar-te a vida. Conserva na mão o teu revolver, para o que der e vier. Vou sentar-me no leito; e tu, acommoda-te naquella cadeira.

Pousei o revolver na ponta da mesa.

Holmes trouxera comsigo uma chibata, delgada e comprida, e collocou-a na cama, junto de si. Pôz ao lado uma caixa de phosphoros e um côto de estearina; depois, apagou a luz, e ficámos absolutamente ás escuras.

V

Nunca em dias da minha vida esquecerei tão afflictiva vigilia.

Não ouvia um som, nem o ruido sequer da respiração, e comtudo, sabia estar ali, muito perto, o meu companheiro, sentado, de olho alerta, no mesmo estado de tensão nervosa. Os postigos não deixavam passar o mais tenue raio de luz, e achavamo-nos immersos na mais densa escuridão.

(Continúa no proximo numero)

DOIS GESTOS

Constantino Aguirre

NAQUELLA cidade de bruma e de mysterio perambulava Carlos Inaña, que fôra menino mimado de nossos salões.

Deslisando contra os muros com o chapéo cahido sobre a testa e o rosto occulto no pescoço de seu abrigo, espiava com seus olhos nostalgicos e febris. Dir-se-ia que, temendo que alguem o reconhecesse, fugia até de sua sombra. Mas, por que, si ali não havia parentes, nem amigos, nem ninguem? Si elle estava só entre milhões de almas? Abatido seu orgulho pela fome e pelo cansaço, oxalá pudesse recorrer a alguem, pois pouco a pouco mergulhava na glacial indifferença humana.

A generosidade, os prazeres haviam socavado o opulento patrimonio, tornando imminente sua queda, e elle, por um aristocratico pudor, resolveu ir para longe, para muito longe, para qualquer logar, afim de começar outra existencia humilde, só, fecunda. Por isso estava ali, em uma cidade eriçada de chaminés, junto a um rio cheio de embarcações, como si fabulosos cetáceos de todos os mares do mundo houvessem ido beber em suas aguas turvas.

Como é insignificante o homem sem dinheiro em um paiz desconhecido! Que atmosphera respira! Que céo pesado vê! Como faz mal á hyperesthesica sensibilidade a musica hostil de um idioma estranho! Quão difficil é, ás vezes, uma coisa tão simples como viver! E elle era bisonho nas doloridas hostes!...

Já pensava na morte, e equilibrava a idéa entre este mundo e o outro, quando sentiu uma palmada no hombro e ouviu uma voz fresca, varonil, electrizante:

— Carlos!

— Tu?

Em um abraço forte, effusivo, manifestaram sua amizade, sua surpresa, e, de braços dados, receiosos de separar-se ou de que o encontro não passasse de uma illusão, os dois collegas puzeram-se a andar pelas ruas que, si a noite enchia de sombras, o contentamento de ambos as illuminava.

Emquanto um, Carlos, revolvia, desalentado, o cofre de suas recordações e se abria em confidencias, o outro, curtido na luta e adaptado ao ambiente mercantil, falava como vivia: sem pensar no futuro e com o espirito livre de passadas e inuteis inquietudes. Entretanto, inteirado do drama do amigo, Roberto Moure offereceu-lhe seu amparo, e, desculpando-se por não lhe poder dar mais, insistiu em que acceitasse seu chronometro, que momentaneamente o salvaria das aperturas. Depois, attrahido pelos negocios, se perdeu nas ondas da multidão.

Vendo-se novamente só, Carlos já não era o mesmo: uma expressão optimista o transfigurava. Com a mão no bolso, acariciando o palpitante relogio de ouro, foi á procura da casa de penhores que Moure lhe indicára, e tão insensivelmente caminhava, que parecia que os quarteirões deslizavam deante delle e não que seus passos venciam o trajecto.

"Felizmente — pensava — nem tudo é escória — por isso que ainda ha luz de bondade em certas almas."

Annos atraz, elle déra franca hospitalidade, em seu appartamento, áquelle pobre rapaz, com quem conviveu até conseguir que lhe déssem um destino na populosa capital onde actualmente se encontrava.

Só agora se lembrava. E recordava ainda, nitidamente, a scena dos preparativos de viagem de seu amigo e a agradavel surpresa que lhe déra comprando-lhe malas e valises e enchendo tudo de roupa, da abundante e fina roupa que então usava.

Na imminente hora da partida, carregaram as maletas em seu automovel, e Moure quiz ir no volante, afim de abstrahir-se na vertigem da velocidade, pois se sentia tão emocionado!...

Em direcção ao porto, recolhidos em si mesmos, parecia-lhes a elles que a cidade se tornava cada vez mais triste, mais desoladora, embora fosse crescendo seu febricitante bulicio, seu tumulto.

Já a bordo, no ultimo abraço, emquanto o vapor apitava para sahir, Roberto o apalpava com avidez, como si quizesse que suas mãos guardassem memoria da eurythmia de seu corpo e fossem capazes, depois, de reproduzir em marmore o envólucro que guardava tão nobre coração.

Elle, tambem enternecido, aproveitou o momento para deixar mais algumas notas nas mãos do viajante, e ao descer pela escada, como agora, na evocação, as lagrimas lhe accendiam os olhos... Por ultimo: "Adeus! Até a volta!" E os bandos de lenços que, como um suave bater de azas, se vão afastando melancolicamente. E um pouco de nostalgia, e um pouco de pesar, e um pouco de mofa, tributo obrigatorio das despedidas.

Afinal, no meio da ingratidão dos que puzeram á prova seus sentimentos, havia encontrado um homem reconhecido ao extremo de ter um rasgo de lealdade tão espontaneo, tão fraternal, tão unico que o curou da angustia que o atribulava e lhe reconfortou o espirito. Como havia sido ephemero o que elle suppuzéra a maior das dores! A felicidade, ás vezes, depende de tão pouco!

Ah, sim! Com o primeiro dinheiro que ganhasse, resgataria a joia para devolvêl-a a seu legitimo dono. Era justo corresponder com dignidade á sua fidalguia, á sua nobreza.

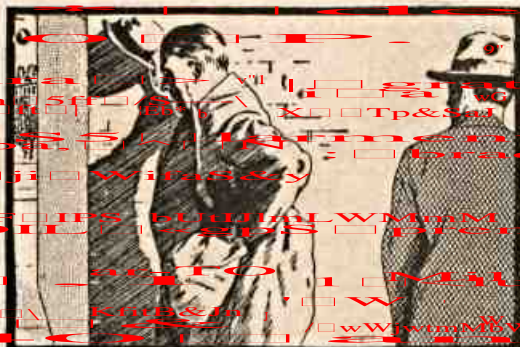
Ainda exaltando a nobreza do amigo, Carlos entrou em um compartimento da casa de penhores, tirou o relogio, cuidadosamente, do bolso, com a maternal delicadeza com que se toma um passaro, e, emquanto esperava que viesse attendêl-o, se entreve examinando-o, cada vez mais febril, cada vez mais absorto, cada vez mais alarmado. Mas, embora não o quizesse, embora lhe repugnasse reconhecêl-o, ali, na tampa — indices accusadores — estavam suas iniciaes. C. I. Sim. Não havia duvida: era o chronometro que julgára ter perdido na tarde da partida de Roberto... Mas não quiz nem mentalmente acreditar naquillo.

E resolveu, então, abandonar o local. E, ante a surpresa dos fleugmaticos transeuntes, descrevendo um amplo gesto, com todo o impulso de sua ira, atirou o relogio contra as pedras da rua, que se floriram luminosamente de chispas multicôres...

— Por que choras, pequeno?
— Porque meu irmão tem férias, e eu não.
— E tu, porque não as tens?
— Porque eu não vou á escola...

Aos homens de 40 annos . . . . . . uma mensagem

Dôres Chronicas na Cintura, Rheumatismo, Dores de Cabeça, Insomnia

EXPERIMENTE ESTE REMEDIO, GRATIS

Muitissimos homens quando chegam aos 40 annos, notam que as funcções do organismo se debilitam e que "as portas da vida giram sobre gonzos que rangem." As actividades mentaes estão entorpecidas, o sangue é espesso, soffrem dores em todas as partes do corpo e desordens da bexiga que causam toda a classe de molestias. Este estado frequente é provocado pelos Rins que não filtram nem purificam o sangue devidamente. Introduzem-se venenos que causam constantes soffrimentos. Dôres na Cintura, Rheumatismo, Insomnia, Desarranjos Urinarios, Irritabilidade: eis os indicios de disturbios nos Rins. Seguramente V.S. não quererá envelhecer antes de tempo. Sem duvida anhela recobrar a sua saúde, vigor e vitalidade.

LEVA UMA GARANTIA ESTE REMEDIO

Permitta V.S. que as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga o ponham a caminho de recobrar a saúde. Para isso, lhe enviaremos livre de quaesquer despezas, um fornecimento gratis para experiencia, por meio do qual comprovará a sua acção saudavel. Tome-as regularmente. V.S. ficará assombrado com a rapidez das suas melhoras. O seu pharmaceutico poderá informal-o sobre a excellencia da sua formula, impressa claramente no exterior da caixa. Alem disso, vende-se este remedio com a garantia de que em 24 horas V.S. notará que começou a fazer-lhe bem.

Esta é a razão por que as Pilulas De Witt se vendem aos milhões em todos os paizes do mundo.

REMETTA-NOS ESTE COUPON HOJE MESMO

Snrs. E. C. De Witt & Co. Ltd., (Depto. M 3) Caixa do Correio 834 Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, um fornecimento das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome..............................

....

Endereço..........................

....

....

AS PILULAS DeWITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

O REMEDIO QUE FAZ EFFEITO EM 24 HORAS

Preços no Districto Federal Rs. 7$500 o frasco pequeno
" 12$500 o frasco grande

Licenciadas pelo D.N.S.P. sob o no. 145.

un air embaumé

Perfume

RIGAUD 16 rue de la Paix PARIS

E. CHARLES VAUTELET, Agent — 20, Rua do Mercado — Rio de Janeiro

QUAL herança preciosa, o **LEITE DE MAGNESIA DE PHILLIPS** transmittio-se, atravez dos annos, de geração em geração. Não existe producto algum semelhante, capaz de offerecer uma garantia tão valiosa, nem tão eloquente, comparavel á de haver merecido a confiança implicita das familias, durante mais du meio seculo.

Nada o supera, na correcção da acidez excessiva do estomago, nada que o exceda, em brandura e em efficacia, como laxante. Por este motivo, não tem egual. nos casos de

INDIGESTÃO · ESTADOS BILIOSOS
SENSAÇÃO DE FARTURA DEPOIS DAS REFEIÇÕES
ERUCTAÇÕES · AZIAS · ARDOR NA BOCCA DO ESTOMAGO
PRISÃO DE VENTRE

O melhor existente, para tornar assimilavel pelas creanças o leite de vacca, e evitar as colicas e os vomitos.

O Leite de Magnesia verdadeiro, creado e preparado por Phillips, ***apresentou-se e continuará a apresentar-se sob a forma liquida.*** A magnesia em pó, em comprimidos ou em pastilhas, é de solução difficil, e costuma provocar irritações, ou accumular-se nos intestinos.

Para não se exporem aos perigos duma imitação, exijam a envolucro azul, e verifiquem a presença do nome PHILLIPS, impresso sobre o mesmo.

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rua Ouvidor, 98, Rio de Janeiro — Rua S. Bento, 35, S. Paulo